

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

**ESCREVENDO HISTÓRIAS / CRIANDO RETRATOS:
A IMAGEM DO TRABALHADOR EM JOSÉ LINS DO REGO**

Monografia apresentada ao Departamento de História e Geografia, sob a orientação da Prof^a **Auricélia Lopes Pereira**, para obtenção do grau em Bacharel em História por **Maria Goretti Guedes Fernandes**.

Campina Grande

Março - 2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA

Banca Examinadora:

Campina Grande
Março - 2000



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

Ao meu esposo

Pedro Dantas Fernandes

Aos meus filhos

Ezequiel, Renato, Gregório, Daniel e Marianne

À minha nora **Janáina** e minha neta **Letícia**

Aos meus pais

José Guedes[†] e Josefa Ribeiro

e

aos meus onze irmãos

dedico

AGRADECIMENTOS

Expresso meus agradecimentos

aos Professores de História:

Auricélia Lopes Pereira - Orientadora
Celso Gestermeier do Nascimento
Luciano Mendonça
Eronides Câmara Donato
Socorro Rangel
Alarcon Agra do Ó
Fábio Gutemberg
Sandra Fook
Durval Muniz
Gervácio Batista Aranha
Josemir Camilo

e

aos demais docentes dos outros Departamentos
que contribuíram para a minha formação.

SUMÁRIO

ITEM	CONTEÚDO	PÁGINA
INTRODUÇÃO	INTRODUÇÃO	6 - 8
CAPÍTULO 1º	CORONÉIS ORGANIZAM SEU MUNDO	9 - 25
CAPÍTULO 2º	NOS TERRITÓRIOS DO ENGENHO	26 - 52
CAPÍTULO 3º	NOS TERRITÓRIOS DA USINA	53 - 78
CONCLUSÃO	CONCLUSÃO	79 - 80
BIBLIOGRAFIA	BIBLIOGRAFIA	81 - 82

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, predominava no Brasil uma sociedade rural, com grupos de latifundiários disputando o controle de suas regiões. Para se tornarem poderosos, os coronéis procuravam manter muitas pessoas sob o seu domínio e para isso, não mediam esforços, existindo sempre pessoas que viviam de favores desses donos de engenho e de usinas. Naquele período, era muito grande a concentração de terras e a produção era voltada para a exportação, gerando, assim, muita fome, miséria, desemprego e marginalidade, restando para as pessoas pobres servir a um grande fazendeiro rico. Quanto maior o número de clientes, mais poderoso se tornava o latifundiário. Na Paraíba foram muito fortes as marcas dessa dominação, com muitos traços daquela época nos dias de hoje.

Nesta monografia será trabalhado esse mundo dos engenhos e usinas. Trilhando esse caminho, seremos levados ao encontro com a literatura. Esse mundo será trabalhado a partir das obras do ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego. Tal escolha foi feita por se entender que a obra de Rego é um arquivo rico de imagens, construído para esse período. Essa escolha baseou-se, também, na compreensão de que é possível a relação história e literatura. Não é uma relação simples, entretanto, o discurso literário tem suas regras e suas condições de enunciação que não podem se confundir com a História, mas a relação entre História e Literatura será capaz de responder o nosso problema: como trabalhar a relação dominadores *versus* dominados no discurso literário.

Outro ponto que nos deixa seguro para trabalhar a relação História e Literatura, é o entendimento de que a História não trabalha mais com o critério cientificista que no início do século procurava excluir do seu trabalho o discurso literário; hoje, trabalha com várias versões históricas, inclusive a versão literária. Não cabe ao historiador escrever mais uma única história, nem resgatar o passado tal qual existiu a partir de "documentos oficiais"; é possível ao historiador reescrevê-lo a partir do seu olhar, de suas escolhas. E por isso existe lugar para um pluralismo crítico, admitindo-se diversos pontos de vista. A História não trabalha com

com o seu ponto de vista, não querendo, portanto, dizer que uma versão seja melhor do que a outra, pois são apenas versões.

Será possível a relação História e ficção? Como essa relação é vista pela nova História? Primeiramente, para se estudar a relação História e Literatura, deve ser considerada a sua historicidade e as suas particularidades. Não deve ser percebida como uma relação dada e nem simples, sendo necessário se perceber as suas singularidades. Para nós historiadores, os fatos não são dados nos documentos. Estes são selecionados em função de uma problemática. É isto que nos faz acreditar na possibilidade da relação História e Literatura. Há a possibilidade de uso dos romances, canalizando a pergunta em função de uma problemática.

Na verdade esta relação história/literatura tem uma longa história. No período moderno, o lugar da História e da Literatura se confundem e se misturam. No século XIX, com o surgimento da História - Ciência, tem-se um afastamento destes dois campos de saber: os historiadores passam a rejeitar qualquer discurso movido pela imaginação, pela sensibilidade e pela emoção; a noção de documento é delimitada e restringida; crivado o documento passa a ser apenas o chamado documento oficial, "verdadeiro". Passa a se construir também o pressuposto de que o documento fala por si só, cabendo ao historiador apenas resgatar, sem nele interferir, os fatos históricos nele escritos, ficando comprometida a relação História e Literatura. E por isso nos anos 40 e 50 do século XX, não havia quase estudos tratando dessa relação.

Com os questionamentos a noção, outrora inabalável da história-ciência, com os questionamentos contundentes a noção de objetividade que legitimava e balizava o lugar da história-ciência a relação História e Literatura entra novamente em destaque. Muda o conceito do que seria documento. Mais do que o documento passa a ser importante a pergunta que o historiador faz a fonte que utiliza, a maneira como o interpreta. E hoje é possível pensar a relação História e Literatura como um casamento e com todo casamento um casamento que tem problemas, mas que respeitando-se os limites as especificidades pode dar certo.

Esta monografia tem como objetivo perceber, através da obra de José Lins do Rego e a partir das imagens literárias, presentes em suas obras do ciclo da cana-de-açúcar, como as

relações de trabalho no mundo dos coronéis já não podem ser lidas a partir do olhar ingênuo que vê no pobre uma tábua-rasa e no rico um senhor todo poderoso

Esse trabalho consta de três capítulos: o primeiro procura mostrar o mundo dos coronéis e suas estratégias para construir o seu espaço. O segundo capítulo procura mostrar como os trabalhadores agiam no mundo dos engenhos para escapar do autoritarismo dos senhores de engenhos. O terceiro capítulo retrata o mundo da usina, como o capitalismo e a modernidade penetram nesse mundo e como os trabalhadores se comportaram diante de todas aquelas mudanças.

CAPÍTULO 1 - CORONÉIS ORGANIZAM SEU MUNDO

Neste capítulo pretende-se trabalhar como a imagem do coronel vai sendo construída por José Lins do Rego, em suas obras do ciclo da cana-de-açúcar, e como o coronel pouco a pouco vai moldando o seu espaço. E para entendermos como esse espaço foi sendo construído, optamos por contar várias histórias que retratam esse mundo: o coronel à frente comandando tudo; o coronel atento a tudo que acontecia aos seus redores: audiências noturnas; a proteção dos subordinados na Justiça; o coronel e suas histórias; o dia de acerto de contas; os bens adquiridos pelos senhores de engenhos; a cura dos males do povo no engenho; o sonho de ver um filho bacharel; os coronéis armados até os dentes; os filhos bastardos dos senhores de engenhos; a compra do algodão: duas balanças, uma para a venda e outra para a compra. Essas histórias mostram como o senhor de engenho organiza o seu mundo, os valores que legitimam e que dão a este mundo um sentido e uma ordem.

1.1. O coronel à frente comandando tudo

O engenho no ponto de moer, os carros de boi gemendo, levando as canas para os picadeiros, os cambiteiros estalando o chicote nos animais. E o velho José Paulino não parava de gritar, passando por todos os cantos, montado a cavalo para examinar o corte, gritar para os carreiros, os maquinistas; mandava recados, ora para o mestre de açúcar, ora para os caldeireiros. Acreditava ele que nada estava feito, que tudo dependia de suas ordens. Na hora do almoço, comia depressa e corria novamente para a torre de comando. No outro dia, era o primeiro a chegar, às três horas da manhã e, à noite, era o último a deixar o serviço.

A casa-grande toda esperava por ele, até que tudo estivesse em ordem e não precisasse "*no engenho de seu olho de feitor e de seus gritos de ordem.*" (REGO, 1980:8).

Ele encontrava saídas para todas as dificuldades, de perto examinava as queixas, verificava o bagaço na boca da fomalha e procurava animar a todos que ali trabalhavam. Sabia purgar o açúcar, conhecia as canas que davam bom melado e, no picadeiro, misturava

2000 2,3 km

as canas mais novas com as mais velhas. E quando não conseguia bom resultado. *"chegava na mesa desanimado, falando do mestre."* (REGO, 1980:9).

Aonde houvesse serviço e necessitasse de ordens, o velho José Paulino lá estava:

"Não se entregava aos feitores, descansando neles, deitando na rede a esperar notícias. Ganhava mesmo o seu dinheiro com o suor de seu rosto. Na sua fábrica era ele a peça principal da engrenagem, a roda volante" (REGO, 1980:9)

O coronel José Paulino todos os dias saía por seus engenhos para ver de perto o que estava acontecendo. O velho gostava de percorrer as suas propriedades, andar por todos os cantos: as matas, as nascentes, as casas dos moradores, os roçados. Conhecer a "precisão" de seu povo, dar o grito de chefe, ouvir as queixas e colocar a ordem.

Às vezes, batia nas casas aonde não encontrava ninguém, mais adiante estava toda a família no roçado. O marido a mulher e os filhos. E ao avistar o coronel:

"E vinha logo de chapéu na mão, pedir as suas ordens. Era um rendeiro que não tinha a obrigação de três dias no eito. Pagava o foro e ficava livre da servidão da bagaceira. O seu roçado de algodão e de fava garantia essa meia liberdade que gozava." (REGO, 1989:37).

Nas visitas, o coronel queria saber de tudo o que estava acontecendo nos seus domínios, sobre vendas de algodão escondidas ou se alguém estava roubando lenhas nas matas.

" - que eu saiba, não, seu coronel.

-Pois você vigie por aqui.

E depois :

- Cabra bom, me dizia. Nunca me deu trabalho." (REGO, 1989:38).

Mais adiante, encontrava numa casa de palha, uma mulher branca, com o filho no peito e outro engatinhando no terreiro. Era a mulher de Chico Baixinho. Tinha parido há oito dias e não sabia aonde andava o marido. Ninguém sabe o paradeiro daquele peste, seu coronel.

"O meu avô dizia para ela ir buscar o bacalhau no engenho." (REGO, 1989:38)

Já em outra casa, o coronel encontrava todo o povo doente de sezão.

"Mande o menino buscar quinino no engenho." (REGO, 1989:38)

Eram, assim, as viagens cotidianas do coronel, revendo todos os seus domínios, olhando de perto as necessidades do seu povo.

1.2. O coronel controlava tudo de perto

Todos os dias o coronel ia ver de perto os partidos, as limpas com o eito grande, os cortes: *"havia sempre uma coisa errada para reclamar, gritos a dar"*¹. Os roçados de algodão ficavam bem distantes da casa-grande, lá para as caatingas, mas isto não era motivo de desânimo para o velho, e este saía de manhã, só retornando à noitinha. Os seus roçados eram os maiores da redondeza, mas, mesmo assim, controlava tudo.

"Sabia o nome dos trabalhadores que davam dias de serviço lá em cima e em baixo. Sabia os que faltavam, os que não pagavam os atrasados, mandando recados terríveis para uns e para outros." (REGO, 1980:9).

E os feitores, de vez em quando, estavam sendo pegos em erros ou esquecimentos. E o coronel não perdoava:

"Gritava muito. Os seus gritos varavam o espaço, ouvia-se de longe como os de uma sirena." (REGO, 1980:9).

E quando a cana começava a faltar no picadeiro, imediatamente era substituída pelo algodão.

"O quebrar da moenda compassava com o gemido da máquina de descaroçar. De inverno a verão o trabalho era o mesmo." (REGO, 1980:10).

¹ Rego ; Bangüê pp 9

E José Paulino era comparado por seus familiares ao negro cativo, visto que este não parava um só minuto.

1.3. Audiências noturnas

Todas as noites depois do jantar, o coronel recebia os trabalhadores. Sentado na sua cadeira, perto do banco de madeira do alpendre. Lia os telegramas do Diário de Pernambuco e recebia os moradores. Era gente que vinha pedir ou enredar.

"Chegavam sempre de chapéu na mão com um "Deus guarde a vossa senhoria." Queriam terras para botar roçados, lugar para fazer casas, remédio para os meninos, carta para deixar gente no hospital. Alguns vinham fazer queixas dos vizinhos." (REGO, 1989:60).

Quando havia alguma coisa errada com alguém, o velho José Paulino mandava chamar o "cabra" para saber o que estava acontecendo. E era assim que o velho tratava os seus trabalhadores: aos gritos os chamava de "ladrão" e de "velhaco", tratando-os sempre com descomposturas. Até parecia que aquelas palavras feias na boca do velho não significavam nada.

"A todos o meu avô ia dando uma resposta ou passando uma descompostura, mas cedendo sempre no que eles pediam." (REGO, 1989:61).

1.4. "Entregue-se, no júri protejo"

Certa noite o coronel recebeu uma visita diferente, era um "cabra" que vinha pedir a proteção do coronel.

"Tinha matado um sujeito no Oiteiro, e correria para se valer do meu avô." (REGO, 1989:61).

O velho quis saber o motivo do crime, tinha sido por questão de mulher.

"Vá, se entregue ao delegado. Eu não acoito criminoso. Se matou com razão vai para a rua. Aqui não quero que fique. No júri protejo." (REGO. 1998:61).

O coronel mandou que o "cabra" contasse a sua história ao juiz. O velho José Paulino, não tinha costume de acoitar criminoso.

"Quando a gente está de cima, muito bem. Caiu, lá vem a policia cercando a propriedade." (REGO. 1998:61).

O coronel sabia que a ação de proteger o criminoso estava muito ligada com a política local. Sendo esta a razão principal por que não protegia criminoso.

"Outro dia o Tenente Mauricio entrou nas terras do Quincas do Jatobá para prender um criminoso, e surrou uns moradores que nada tinham com o fato." (REGO. 1998:61).

Esse é o retrato do coronel, seu avô, descrito por José Lins do Rego. Um coronel que não desafiava as autoridades. Ao contrário da imagem de outros coronéis, contada por ele, capazes de invadir até cadeias para tirar preso de trás das grades. Na obra Doidinho, é mostrada uma reportagem do Jornal da Paraíba atacando o velho José Paulino. "Protetor de bandidos", era como o jornalista se referia ao coronel José Paulino. Ele protegera um criminoso no júri e o jornal tratava o assunto com palavras ásperas. Apareciam nesses momentos pessoas capazes de destratar o coronel: "Protetor de bandidos", reduzindo, assim, o senhor de engenho. Mas, não era só o Jornal da Paraíba que se referia ao coronel com pouco caso.

"O seu Maciel disse uma vez na aula:

- Você pensa que isso aqui é engenho de seu avô?

Um menino discutindo me gritou aos ouvidos:

- Moleque da bagaceira!" (REGO. 1960:59)

Começavam, assim, a aparecer as limitações do coronel.

1.5. O coronel e suas histórias

O coronel José Paulino, todas as noites, gostava de "*conversar para a mesa toda calada*"². Contava histórias de parentes e amigos com todos os detalhes. A escravidão era o seu assunto predileto. O velho contava a história do Tio Leitão que batia muito nos negros, comparando-os com uma besta de almanjarra³. Tinha uma escravatura pequena. Um negro só desempenhava várias funções: mestre-de-açúcar, purgador e pé-de-moleque. Também gostava de contar histórias que envolviam o Major Ursulino, isto só para mostrar como ele era ruim para a sua escravatura:

"O Major Ursulino de Goiana fizera a casa de purgar no alto, para ver os negros subindo a ladeira com a caçamba de mel quente na cabeça. Tombavam cana com a corrente tinindo nos pés." (REGO, 1989:89)

Ele também contava outro episódio que acontecera com o Major Ursulino, dizia que certo dia o feitor de Picos, chegou à casa grande do Major, usando botas e gravatas. Vinha, prevenir Ursulino da destruição que o seu gado fizera nas canas dos Picos. O major calou-se estava afrontado. Logo que pôde, mandou comprar o negro no outro engenho. Mas o negro só tinha uma banda escrava. Pertencendo a duas pessoas numa partilha, e só um deles havia libertado o negro.

"Então o major comprou a metade do escravo. E trouxe o atrevido para sua bagaceira. E mandou chicoteá-lo no carro, a cipó de couro cru, somente o lado que lhe pertencia." (REGO, 1989:89).

Essa história de banda-forra⁴, o velho contava para mostrar a ruindade de Ursulino. A escravatura dele era uma desgraça. Quem tinha um negro fujão, tratava logo de vender a Ursulino. Essas eram as histórias que o velho José Paulino gostava de contar no seu dia-a-dia.

² Rego: menino de engenho pp.89

³ Almanjarra: pau a que se atrela o animal para que o puxe

⁴ Banda- forra: filho de branco com negra escrava

1.6. Sábado: dia de acerto de contas

O coronel todos os sábados fazia o apontamento semanal com os trabalhadores, juntos: "*Contando os dias que davam de serviço e os quilos de ceará que comiam no barracão do engenho.*" (REGO, 1980:62). E o velho gritava muito, só se ouviam as descomposturas e as arengas: "*Era de ladrões para baixo, sacudindo no chão o dinheiro que eles pediam adiantado.*" (REGO, 1980:62). Os trabalhadores, fazendo de conta que nada escutavam, corriam atrás das moedas de cruzado e de tostões, que o velho havia jogado. "*Estes ladrões não fazem nada. A cana no mato, e me vêm para aqui pedir dinheiro adiantado.*" (REGO, 1980:63).

José Lins do Rego, na sua obra *Bangüê*, retrata um coronel que no seu dia a dia tratava o trabalhador com descomposturas e, no seu linguajar cotidiano, os trabalhadores não passavam de ladrões, filhos de puta, mas que apesar de tudo isso, o trabalhador continuava sob a sua proteção: "*trabalhavam por um nada, limpando cana a mil e duzentos por dia, comendo mel-de-furo com farinha.*" (REGO, 1980:63).

O velho gritava, mas o morador tinha o seu roçado de fava e algodão e podia criar o seu bacurinho e o seu gado, era isto que prendia o trabalhador ao engenho.

1.7. Como muitos bens eram adquiridos pelos senhores de engenhos

O velho Feliciano era um senhor de engenho. Qualquer animal que entrasse no seu roçado, "*levava ferro outra vez*"⁵. Era assim que o velho Feliciano aumentava o seu rebanho. No engenho vizinho, a casa de purgar era de palha e a casa-grande parecia uma tapera. Como o senhor de engenho adquiriu tudo aquilo? Existiam muitos comentários sobre aquelas terras: "*roubou aquilo de uma cunhada viúva. Não pagava a ninguém. Só fazia cachaça para vender de contrabando.*" (REGO, 1980:88).

Outra figura de senhor de engenho retratada por José Lins do Rego é a figura do "tio Lourenço", irmão do coronel José Paulino. Rego nos conta a história do engenho Comissário

⁵ rego : *Bangüê* pp 77

que estava em ruínas, com o maquinismo exposto ao tempo e o melão de São Caetano tomando conta de tudo: *"Não era mais engenho, o Comissário. O tio Lourenço o comprara. O Gameleira engolira-o com sua fome de latifúndios."* (REGO, 1980:89).

Mas isso não acontecia só com o Gameleira, o Santa Rosa, também, comera outros engenhos que confinavam com ele.

1.8. Como o povo no engenho era curado dos males

O coronel José Paulino com seus remédios caseiros curava os males de seu povo: *"a febre, para ele, era o grande mal, e o seu grande remédio as lavagens."* (REGO, 1989:81). As moléstias do engenho eram conhecidas e tinham o seu diagnóstico e a sua medicina não falhava, eram elas: sarampo, papeira, bexiga-doida, sangue-novo.⁶ E tudo que não fosse diagnosticado, era febre. O coronel procurava curar todos os males. Para cada caso tinha o remédio certo: fazia sinapismo de mostarda, dava banhos quentes, óleo de rícino, jacaratiá⁷ para vermes. Todos eram medicados por ele: os trabalhadores, os negros, os netos. Até lancetava furúnculos. Também fazia pequenas cirurgias, como foi o caso de Chico Targino, quando o carreiro passou em cima do seu pé.

"Uma vez um carro de boi passara em cima do pé de um carreiro, esmigalhando o dedo. O meu avô cortou à tesoura aquele pedaço de carne dependurada, botou tintura de jucá na ferida e amarrou com tiras de camisa velha o pé de Chico Targino." (REGO, 1989:81)

Para o puxado o coronel tinha a sua medicina, a receita prescrita era vomitórios de cebola-cecém. E os vômitos desesperados não passavam e o puxado só parava no seu tempo certo.

1.9. O sonho de ver um filho ou um neto bacharel

Os senhores de engenhos gastavam fortuna com os filhos em colégios e faculdades, sonhavam em ter um filho bacharel e não mediam esforços para que seu sonho fosse

⁶ Sangue-novo: erupção na pele

⁷ Jacaratiá: planta medicinal que funciona como purgante.

realizado. A obra *Doidinho* descreve como os senhores de engenho faziam para que os filhos estudassem:

"Os outros levavam muito em conta essa história de mandar os filhos para a escola, pensando somente que era o be-á-bá que fazia os homens mais alguma coisa que eles. E gastavam fortuna com os filhos em colégios e faculdades. Enchiam-se desse orgulho de fazer doutores." (REGO, 1966:79).

O velho José Paulino também alimentava esse sonho, queria ter filhos e netos que desejassem estudar.

"Com essa ânsia de aprender, de ser gente! Gastara uma fortuna com um sobrinho, que morreu no segundo ano de academia. Formara o filho com trabalhos de quem estivesse tirando grandes safras de engenho, com os mesmos cuidados, as mesmas despesas, as mesmas contrariedades." (REGO, 1966:90)

Mas o filho falhara, vivia no engenho a cavalo pelos partidos de cana, como todos os outros senhores de engenho. O velho José Paulino gostaria de ter um filho ou netos com amor aos estudos, com vontade de aprender. Mostrava os filhos de Castro, seu amigo, como exemplo de jovens, o qual mesmo sendo pobre, já havia formado dois filhos. No seu rosto se via a decepção com os seus filhos.

"Formar-se para voltar para a enxada, como o Dr. Quincas do Engenho Novo e o Dr. João de Itaipu, seus primos legítimos, não valia a pena". (REGO, 1966:90)

Percebia-se a decepção de não ver o filho Juca como juiz de direito, ou até mesmo como procurador, defendendo alguém nos júris *"O velho José Paulino, tão sem vaidade para as outras cousas, amava o luxo do bacharelise."* (REGO, 1966:90).

Lourenço, o seu irmão mais novo, era motivo de orgulho para o coronel. *"Lourenço sim, que fez carreira"*.⁸

⁸ REGO: *Doidinho* pp 90

"Era o seu irmão mais moço, que chegara a desembargador. Fora formado por ele, mas lhe dava esse orgulho - desembargador! - embora o Dr. Lourenço gostasse mais de ter a sua casa de purgar cheia que a sua estante abarrotada de livros. Ficara também senhor de engenho como o irmão, e engrandecera mais a família no seu Pau Amarelo que nas atribuições do Tribunal Superior. O velho José Paulino tinha um irmão que lhe enchera as medidas." (REGO, 1966:90).

Embora tivesse o seu engenho, ele vivia na cidade grande exercendo a sua profissão.

1.10. Coronéis armados até os dentes.

José Paulino era um caso impar. No mundo rural era mais comum encontrar senhores de engenhos, com guarda-costa, com gente no rifle, e protegendo criminosos em suas propriedades. A obra *Menino de Engenho* mostra que, até mesmo a cadeia, não se livrava das ações dos coronéis, como era o caso de Dr. Quincas do Engenho Novo e de um tal Né, do Cipó Branco que:

"Com cabras armados, arrombara a cadeia para tirar um protegido das grades." (REGO, 1989:72)

José Paulino era uma exceção dos senhores de engenho. Em sua grande maioria, pegavam em armas e tinham cabras de rifle nas suas terras.

"Quando chegavam os parentes de Itambé, o Seu Álvaro da Aurora, o Manuel Gomes do Riacho Fundo, com os filhos pequenos de botas e faca no colete, me punha a admirá-los como meus grandes modelos." (REGO, 1989:72).

O coronel José Paulino contava como se davam as eleições no tempo da monarquia, dentro da igreja.

"Os senhores de engenhos iam até às armas, nas disputas. Brigavam pelos seus partidos, profanavam os templos de Deus, arrombando urnas e queimando atas." (REGO, 1989:72).

Naquele período, a situação era tal, que o coronel José Paulino, contava que no Brejo de Areia, Félix Antônio levantou o povo contra o governo. De Goiana saiu um exército para atacar Recife. *"Os senhores de engenho iam na frente com seus negros."* (REGO, 1989:72).

Mas o velho José Paulino, não tinha coragem para tanto.

"O velho José Paulino governava os seus engenhos com o coração. Nunca o vi com armas no quarto." (REGO, 1989:72).

Na sua obra "menino de engenho", José Lins do Rego retrata um outro modelo de coronel, um coronel mais respeitado por sua bondade: *Não havia coragem que levantasse a voz para aquela mansa autoridade de chefe.* (REGO, 1989:72). Ele mostrava que o velho não tinha inimigos. Os inimigos eram mais de sua família. Rego mostra a imagem de um coronel passivo, bondoso, manso, que governava com o coração; em contrapartida, os outros senhores de engenho, são trabalhados com uma imagem valente, bravos, corajosos e prontos para atacar.

1.11. Os filhos bastardos dos senhores de engenhos

No mundo dos engenhos, era muito comum os senhores trocarem a sua cama macia por camas de varas das negras. E, assim, muitas banda-forra⁹ nasceram. E como viviam todos estes filhos naturais? O velho José Paulino não fugiu à regra e muitos bastardos do velho eram apontados por todos os lados. Mas, não era só o velho, também o tio Joca enchia a várzea de olhos azuis e testas largas. O maquinista mestre Fausto era filho de Zé Paulino; Marcionildo, que ganhava a vida vendendo pão, era filho de tio Joca; José Luís era um olho azul, mas vivia caindo de bêbado pelas estradas: *"se dessem para o eito seriam do eito, não se salvavam os coitos das mães com o senhor de engenho."* (REGO, 1980:167).

1.12 . A compra do algodão: duas balanças, uma para a venda e outra para a compra

Era o melhor negócio a compra de algodão, o lucro era certo e o senhor de engenho ganhava na hora que comprava e na hora que vendia. Os pesos da balança eram de ferro velho ou de pedra, e não se sabia se os pesos tinham o valor certo: *"Havia duas balanças, uma para*

⁹ Banda-forra ; filho de branco com escrava

pesar o açúcar e outra para o algodão, uma para compra e outra para venda." (REGO, 1980:128). O que estava o senhor de engenho fazendo? *"Estava era roubando dos pobres"* (REGO, 1980:128). Mesmo assim, o senhor de engenho se achava bom, justo e capaz de ajudar os necessitados. Entretanto, cada vez mais ele queria:

"Comprar e vender algodão, deixar que a minha balança pesasse a meu favor, devia ser assim a minha vida" (REGO: 1980:129).

Era um bom negócio a compra do algodão, o lucro era certo e ainda ficava com o caroço para o gado e para a venda:

"Negócio ótimo. Isto de explorar o povo era de todo o mundo. Fizera-o o meu avô e tinham-no como santo." (REGO, 1980:129)

José Lins do Rego mostra a imagem do senhor de engenho que mesmo explorando o povo era tido como santo:

"Fora um explorador do braço alheio, com mais coração do que os outros".
(REGO: 1980:144)

1.13. O engenho Santa Fé

O Capitão Tomás Cabral de Melo veio do Ingá do Bacamarte para a Várzea do Paraíba, antes de 1848, trazendo a família, muita gente e muito gado. Foi ele quem ergueu o Santa Fé. Era um homem de pulso e muito trabalhador. E dois anos depois, tirava a primeira safra. Inicialmente, o povo não acreditava no Santa Fé.

"Viam aquele homem de fora, com jeito de camumbembe, trabalhando para ele mesmo, com as suas próprias mãos, nos trabalhos de casa, e não acreditava que nada daquilo desse certo". (REGO: 1992:122).

Na primeira safra o lucro foi bom, o preço do açúcar estava em alta. Ele mesmo foi com o seu comboio para a cidade, levando a mercadoria para ser vendida. Uma atitude que deixou todos escandalizados: *"Como era que um senhor de engenho se dava a uma posição daquela, sair acompanhando os cargueiros, como se fosse um feitor, um qualquer?"* (REGO, 1992:122).

A obra Fogo Morto, mostra como o Capitão Tomás: *"conseguiu tirar do seu engenho o que ninguém podia imaginar!"* (REGO, 1992:122). *"E o capitão Tomás criou fama de homem de capricho. de palavra. de trabalho duro"*. (REGO, 1992:122). Com chuva ou com sol, era a mesma coisa, nada impedia de sair de casa para o trabalho. Era homem duro e trabalhador, sem luxo:

"Era homem de amanhecer no roçado, de cacete na mão como feitor, fazendo a negrada raspar mato, furar terra. plantar cana". (REGO, 1992:123).

Valorizava o saber. A filha estudava no Recife, sabia falar francês e tocar piano. Queria fazer de sua família gente de verdade:

"Não queria mulher dentro de casa fumando cachimbo, sem saber assinar o nome, como tantas senhoras ricas que conhecia". (REGO, 1992:123).

Sentia-se realizado, pois via todos os seus projetos caminhando com sucesso:

"Tomás Cabral de Melo chegara ao ponto mais alto de sua vida. O que mais podia desejar um homem de suas posses? Família criada, engenho moendo e corrente, gado de primeira ordem, partidos de cana, roçado de algodão, respeitado pelos adversários. Criara um engenho. Disto se orgulhava". (REGO, 1992:124).

Embora o Santa Fé fosse pequeno, tudo tirava de lá, não era homem de pedir emprestado a ninguém. Ao contrário, atendia a outros muito mais ricos:

"O Santa Fé dava os seus mil pães de açúcar, as suas sacas de lã, e tinha pasto para as suas duzentas reses. E ainda contava com quarenta peças de escravatura. Não queria mais do mundo. Por mais de uma vez viera à sua porta bater senhor de engenho de grandes terras, para se valer de sua bolsa". (REGO, 1992:126).

Porém tinha uma mágoa, Amélia era uma moça bonita e educada, mas apesar de tudo, não se casara:

"Mas foram-se os anos, e o Capitão Tomás tinha uma mágoa. Por que não se casara a sua filha mais velha? O que faltava para encontrar um marido na altura de seus merecimentos? Não era feia, tudo teria para ser uma esposa completa. E os anos se iam e a filha do capitão não se casava". (REGO, 1992:126).

1.14. Seu Lula de Holanda

Com a morte de Dona Mariquinha, viúva do capitão Tomás, o comando do Santa Fé passou para o genro Seu Lula:

"A voz não era mais aquela voz mansa de outros tempos. Agora seu Lula era o dono de tudo. O feitor, o negro Deodato, recebera as suas instruções aos gritos. Seu Lula não queria vadiação naquele engenho". (REGO: 1992:148).

À tarde, o feitor vinha lhe dar conta do serviço. Seu Lula não saía para ver o trabalho e na rede continuava a ler os jornais. O número de negros do Santa Fé começou a diminuir, alguns por morte, outros por venda. O sogro (Tomás) havia deixado uma pequena fortuna, fazendo-o manter costumes de luxo:

"O capitão Lula de Holanda, com a sua parelha de ruços, trepado na sua carruagem, chegara para as missas de Domingo como um príncipe. Trazia o boleiro as duas almofadas de seda para ele e a mulher se ajoelharem". (REGO, 1992:149).

O povo não se deixava impressionar. *"Olhava para aquele luxo com prevenção. Fidalgo de porcaria"* (REGO, 1992:149). O povo não gostava daquela superioridade, olhava para ele, atravessado, pois sabia que, antes de se casar com D. Amélia, ele era um pobretão e agora vinha com toda aquela ostentação. Seu Lula não falava com ninguém. Até o Juiz de Direito, desde a partilha do sogro, tornara-se um inimigo. Só o Cônego Frederico falava com a família. Revoltava a todos o modo como tratava os seus escravos: *"Com todo aquele luxo de carruagem e matando os negros de fome"* (REGO, 1992:149). Os negros sofriam com o seu Lula:

"A negra Germana quase que morrera com a venda que o senhor fizera do seu filho Chiquinho, que se fora para o sul" (REGO, 1992:150).

O feitor Deodato com o consentimento do senhor, começou a tratar a escravatura sem pena: *"O chicote cantava no lombo dos negros, sem piedade"*. (REGO, 1992:150).

Os negros iam à procura de D. Amélia pedir proteção e a fama do feitor corria por toda a várzea:

"Ninguém podia compreender aquela transformação na escravatura do Santa Fé. Sempre foram negros mansos, cordatos e agora para trabalhar só faziam apanhando". (REGO, 1992:150).

1.15. A mulher no comando do engenho

A. Dona Mariquinha

As mulheres também tinham o seu espaço no engenho e desempenhavam a sua função com sabedoria. Dona Mariquinha era uma delas que antes da doença de seu Tomás :

"Cuidava ela dos negros, cozia o algodãozinho para vesti-los, fazia-lhes o angu, assava-lhes a carne." (REGO, 1992:126).

Esta ajudava ao marido no que precisasse. Com a doença do velho Tomás e um genro incapaz de tocar o engenho para frente, dona Mariquinha não vacilou em tomar a frente dos trabalhos, começando tudo a depender da senhora do engenho:

"Via que o genro não seria o homem para botar as coisas para frente. Então D. Mariquinha do Santa Fé resolveu dar as ordens no seu engenho. Custara-lhe muito tomar aquela decisão. Era urgente. Ela bem vira no decorrer da safra que o genro não acudia às necessidades do engenho." (REGO, 1992:141).

Estava à frente do comando do engenho, tudo dependendo do comando da senhora de engenho. Era ela que vendia o açúcar aos cargueiros, dava ordens ao genro como também ao feitor. *"E assim tudo começou a depender das ordens de D. Mariquinha."* (REGO 1992: 141). Ela de casa olhava para tudo, dava todas as ordens. Os negros todos os dias antes do trabalho vinham pedir a benção à senhora do engenho.

"O Santa Fé não seria aquele da saúde do capitão Tomás mas ia andando com a energia da mulher de expediente de homem" (REGO. 1992:141).

O comportamento de Dona Mariquinha dava o que falar:

"Com um genro dentro de casa, a velha Mariquinha preferia ser o homem da família." (REGO. 1992:141).

E foi assim por muitos anos, até a morte de Dona Mariquinha.

2. Dona Maroca

Na obra Bangüê, José Lins do Rego mostra que D. Mariquinha não foi a única mulher que estava à frente da administração de um engenho. Nesta obra aparece a mulher do desembargador Lourenço, Dona Maroca, à frente do comando de suas propriedades. Ela era diferente das mulheres da várzea, andava sempre arrumada, sabia tratar bem a todos e gostava de ler bons livros.

"Era quem fazia a escrita do engenho, quem tomava nota dos trabalhadores. O marido podia passar meses no Tribunal de Recife, que as coisas no Gameleira corriam certas." (REGO. 1980:89).

O domingo era o dia das contas e os moradores iam ao seu encontro prestar contas, acertar tudo com a senhora do engenho.

"Sentada na carteira, com lápis na mão, contando dias de serviço e adiantamentos na venda. Não se ouvia um grito, uma palavra áspera." (REGO. 1980:89).

Na cozinha a velha só aparecia para dar ordens. Mesmo sendo muito severa com as negras, tratava a todos com jeito. Ao contrário de D. Maroca, o coronel Lourenço, se estivesse junto, era grito na certa, aqueles mesmos gritos do coronel José Paulino.

Nas várias histórias comentadas, até aqui, nota-se que os grandes valores são: educação, saúde, trabalho, proteção, sexo, ostentação, luxo poder... São estes os grandes valores do coronel, as coisas que fazem o mundo do coronel. José Lins do Rego dizia que o

grande elogio do coronel era chamar alguém de trabalhador. O próprio coronel era quem estava à frente do trabalho, procurando comandar tudo, dando ordens, mostrando assim o seu poder. Um poder que, como vemos a partir das imagens literárias construídas por Lins do Rego, não é tão absoluto... Mas esta é próxima história.

CAPÍTULO 2 - NOS TERRITÓRIOS DO ENGENHO

Neste capítulo, pretendo trabalhar a imagem do trabalhador de engenho construída por José Lins do Rego, em suas obras do ciclo da cana-de-açúcar. São seis as obras literárias deste autor, consideradas pela crítica literária como pertencentes a este ciclo: "Menino de engenho", publicada em 1932; "Doidinho", em 1933; "Bangüê", em 1934; "Moieque Ricardo", em 1935; "Usina", em 1936 e "Fogo morto", em 1943. Estas obras, motivadas pelo projeto do autor de resgatar os tempos do cotidiano do engenho, são ricas em imagens do trabalhador do engenho; delas sobressaem-se as relações entre senhor de engenho e trabalhador, envolvendo o trabalho do eito e a família.

É a partir delas que nesta monografia será explorado o retrato que José Lins do Rego construiu desse trabalhador, retrato este continuamente afirmado como o de um "cordeirinho", "passivo", cabendo-lhe, unicamente, obedecer ao senhor de engenho; por outro lado, serão resgatadas dessas mesmas obras, histórias escritas por José Lins do Rego, contando os movimentos e o cotidiano deste trabalhador que o fizeram perder a imagem de passivos e de cordeirinhos. O "cordeirinho" transforma-se em um trabalhador esperto que, usando de subterfúgios ou mesmo de resistência aberta, "queima" o retrato do trabalhador passivo. São estes subterfúgios, as resistências indiretas e, também, as resistências abertas, diretas, que se pretende resgatar neste capítulo.

2.1. "Cordeirinhos Felizes": A cheia no Rio Paraíba como sinal de riqueza na terra

Há vários dias o coronel ficava a espreitar o abrir e fechar dos relâmpagos. Era o inverno que se iniciava no sertão. A experiência mostrava que, em breve, provavelmente em duas semanas, o inverno chegava no Paraíba com sua primeira "cabeça d'água". No verão o rio ficava seco, podendo ser atravessado a pé enxuto e no seu leito formavam-se poços que nunca secavam. Nesses pequenos açudes se pescava, cavalos eram lavados, tomavam-se banhos. Nas vazantes, plantava-se batata-doce e eram escavadas pequenas cacimbas para o abastecimento dos lugarejos. Nas grandes secas, não havendo mais água boa para beber, o pobre usava a água salobra e até a água das vazantes do Paraíba. Com a notícia das chuvas no

sertão o povo não perdia tempo, ia logo colher as batatas doces e os jerimums das vazantes, antes que a cheia chegasse.

No campo era uma grande festa, uma grande alegria, quando se falava da cheia que descia. A notícia corria de boca em boca, todos corriam para a beira do rio: os moleques, os trabalhadores, o coronel, as famílias todas. O rio passava arrastando tudo, vasculhos, garranchos, boi morto árvores inteiras arrastadas pela raiz, por onde a água passava não ficava nada no lugar.

No outro dia, a várzea estava transformada em um lago de água barrenta. O coronel saía para ver o estrago, as suas plantas estavam submersas, a sua safra quase toda perdida. Não se lastimava, segundo ele, o limo deixado pelo rio era sinal de riquezas nas terras.

"Gosto mais de perder com água do que com sol." (REGO, 1989:28)

Mais tarde, os canoieiros passavam contando o trabalho da madrugada, encontraram gente nas casas com água pelos peitos, mulheres chorando, pois haviam perdido tudo, não tinham mais esperanças. Até gente havia morrido. Chegava a notícia da destruição que ocorreu por toda parte. Foi preciso sair, procurar refúgio, principalmente na casa de seu Amâncio que ficava no alto, para onde chegava gente de todos os lados, até mesmo o povo da casa-grande. Famílias inteiras se dirigiam para lá, trazendo seus cacarecos, seus animais, porcos e galinhas, compartilhando juntos o mesmo medo. Seu Amâncio procurava distribuir com aquela gente o que tinha de melhor. Pela manhã, juntos tomavam o café com batata doce, no almoço era servido, carne-de-ceará com farofa. Eram tantos os retirantes que muitos ficavam na casa de farinha pelo chão. Era tudo o que seu Amâncio tinha para oferecer.

Logo que pôde, o coronel mandou os mantimentos para distribuir com aquela gente, era arroz e carne-de-sol que haviam chegado. A cheia lhes havia tirado tudo, levado o pouco que tinham, restando os braços e a saúde para trabalhar, não se queixavam:

"Eles pareciam felizes de qualquer forma, muito submissos e muito contentes com o seu destino". (REGO, 1989:29).

Essa é a imagem construída por José Lins do Rego: um trabalhador passivo e sempre pronto para receber ordens. Um trabalhador satisfeito com tudo que estava acontecendo. Um

mundo onde não havia lugar para resistência. Os "cabras", os "canalhas", eram para ele uns "cordeirinhos". Entretanto, outras histórias ousam quebrar esta imagem de um mundo sem resistência.

2.2. O "Cabra" às escondidas, trabalhando nos engenhos vizinhos

O livro *Menino de Engenho* mostra um coronel que todos os dias saía para visitar os seus domínios, procurando saber tudo que acontecia. Andava nas suas matas, visitava as nascentes, ia de casa em casa, procurando de perto saber como estava o seu povo. Dando o seu grito de chefe, ouvindo as queixas e implantando a ordem.

"Ele parava de porta em porta, batendo com a tabica de cipó-pau nas janelas fechadas. Acudia sempre uma mulher de cara de necessidade: a pobre mulher. (...)Elas respondiam pelos maridos.

- Anda no roçado

- Está doente

- Foi pra rua comprar gás.(...)

- Levantou-se hoje do reumatismo.

O meu avô então gritava:

- Boto pra fora. Gente safada, com quatro dias de serviço adiantado e metidos no eito do engenho novo. (...)

E quase sempre mais adiante nós encontramos Zé Ursulino de cacete na mão e com a saúde bem rija.

- Já disse à sua mulher que lhe boto pra fora. Não vai trabalhar na fazenda, mas anda vadiando por aí. (REGO, 1989:37)

Zé Ursulino não era o único neste cenário do engenho, escrito por José Lins do Rego a fingir-se doente para trabalhar em outros engenhos. Suas pequenas "mentiras" agenciam nestas histórias outras personagens e, assim, nestas tramas, a mulher do trabalhador adquire espaço de legitimidade fundamental: "Anda no roçado": "Está doente"; "Foi para rua comprar gás"; "Levantou-se hoje do reumatismo."

Não só na obra anteriormente citada, como também na obra *Bangüê*, que trata da decadência do engenho, os trabalhadores vão, também, às escondidas trabalhar nos outros engenhos.

"E Nicolau todos os dias me chegava com queixas. A gente dera para trabalhar por fora. Era só saber que um outro engenho pagava mais um tostão para correrem para lá. Era um crime, um cabra do eito fazer aquilo. Botava-se para fora, metia-se o gado no roçado." (REGO, 1980: 114)

No outro dia o trabalhador chegava, negando tudo, pedindo clemência, não podia ficar sem aquele trabalho, tinha família para criar. Negar o que tinha feito também faz parte desta mesma trama do trabalhador e, desse modo, o coronel não tinha como resistir a tamanha choradeira. E ele voltava atrás com as ordens.

Depois da ceia, o coronel se sentava no alpendre, para receber os moradores, existindo aqueles que vinham pedir e os que vinham enredar:

"outros vinham a chamado do meu avô. Porém tudo que diziam dele era mentira. Nunca vendera um quilo de algodão na balança do Pilar. Nem estava criando animais de outros engenhos nos pastos da fazenda. Se fosse verdade podia tocar fogo nos seus troços e botar o gado dentro do seu roçado." (REGO, 1989:60)

Mas, o trabalhador também procurava outros meios de se defender, muitas vezes sem precisar sair do engenho, trazendo o gado de outras fazendas para cuidar, dando os pastos do coronel no horário também pago pelo coronel.

2.3. O moleque Chico Pereira e o falso da "Quenga"

Em "Menino de Engenho," Chico Pereira, morador do engenho do coronel José Paulino, foi acusado por Maria Pia de desvigina-la.

"Agora, porém, Chico Pereira estava lá, com os pés no buraco redondo." (REGO, 1989:42).

Mas, o que estava acontecendo que Chico Pereira estava no tronco? Ele jurava inocência.

"- É mentira daquela bicha semvergonha." (REGO, 1989:42)

Aquela "quenga" colocara a culpa no "cabra" deixando que todos acreditassem que tinha sido Chico Pereira o autor do "malfeito." O moleque estava revoltado e mesmo no tronco resistia claramente às ordens do coronel :

" O coronel me mata, mas eu não me amarro com aquela peste. Vou pra cadeia. crio bicho na peia, mas não vivo com a descarada daquela quenga."
(REGO, 1989:42).

Maria Pia e sua mãe deram queixa ao coronel, o culpado teria sido o Chico Pereira, e no tronco ele se encontrava, até que decidisse casar com sua vítima. As pernas já estavam inchadas, não podia mexer. Pediu ajuda para a filha do fazendeiro. *"Se ele deve, deve pagar"*¹⁰, disse ela. O corpo já estava todo dormente, mas ele resistia às ordens do coronel.

"- Morro aqui, e não caso. Aquela desgraçada me paga. O coronel pode me picar de facão." (REGO, 1989:43).

Ele não podia contar com a ajuda de ninguém, a moça tinha sido ofendida, era preciso reparar o erro. Maria Pia e a mãe choravam, mas o coronel mandava que parassem com aquela latomia, era preciso saber a verdade e o moleque estava no tronco, mas negava tudo.

"Ela pode casar com o diabo, comigo não. O coronel me mata, mas eu não me amarro com aquela peste." (REGO, 1989:42).

Agora a negra teria que jurar em cima do livro sagrado. Com a mão em cima do livro sagrado diga o autor do seu crime: ordenou o coronel. E ela jurou que tinha sido o Dr. Juca, o filho do coronel, e só desse modo que o "cabra" foi solto. A verdade foi esclarecida e a mulata ficou solteira, sem "reparo"!

2.4. Negros no eito e na cozinha.

José Lins do Rego, nos seus livros do ciclo da cana de açúcar, trabalha um período que vai desde 1848 até a década de 40 do século XX. Procura descrever como viviam os negros, antes e depois da escravidão. Para o velho José Paulino, negro só mesmo de barriga cheia,

¹⁰ José Lins do Rego: Menino de Engenho pp:43

mas também existiam aqueles senhores de engenho que matavam negro no relho. Porém, para muitos senhores, o negro era tido como uma mercadoria e, desse modo, maltratar o negro significava perder dinheiro.

"Queria-se o negro gordo para o trabalho e a revenda." (REGO, 1989:90).

No 13 de maio, os negros festejaram até alta hora, dançando o coco, mas no outro dia bem cedo, a negrada toda passou com a enxada nas costas para trabalhar no eito.

"Não saiu do engenho um negro só. Para esta gente pobre a abolição não serviu de nada." (REGO, 1989:90).

Eles permaneceram no engenho comendo farinha seca e trabalhando a dia. O pouco que ganhavam não dava para o bacalhau. Antes da abolição, comiam angu de milho e ceará, estando sempre com a barriga cheia. Depois da abolição, o que se vê, são negros nus com os troços aparecendo. Para os senhores de engenhos, antes da abolição, tudo que pegavam era para comprar e vestir negros e, depois, o que sobrava era empregado na compra de mais terras.

O negro não é tematizado nos trabalhos de José Lins do Rego a partir de uma problemática racial, ele é o trabalhador que permaneceu dedicado aos engenhos, mesmo depois da abolição. E são esses mesmos trabalhadores que no seu dia a dia procuram saídas, para dizer não aos dominadores.

2.4.1 As negras na senzala

Na obra *Menino de Engenho*, José Lins do Rego mostra a senzala que sobrevivera à abolição, uns vinte quartos e o mesmo alpendre na frente, bem perto da casa-grande

"As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas." (REGO, 1989:54).

Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana são exemplos de ex-escravas que, mesmo depois da abolição, continuaram no engenho e o coronel continuava como antes a dar-lhes de

comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, satisfeitas como antes, com o mesmo amor e "*passividade de bons animais domésticos*." As filhas e netas iam sucedendo na servidão. Não tinham maridos, porém a espécie perpetuava, os filhos dormiam nas redes fedorentas a mictório. O chão era úmido das urinas da noite, mas era ali que viviam satisfeitas como se vivessem em aposentos de luxo. Generosa aparece como exemplo de ex-escrava, que continuava trabalhando na cozinha da casa grande, satisfeita e feliz com o seu destino.

"Ninguém mexia num cacareco da cozinha a não ser ela. E viessem se meter nos serviços, que tomavam gritos, fosse mesmo gente da sala. (...)

- Quem quisesse mandar na cozinha que viesse para a boca do fogo.

- E quando iam reclamar qualquer coisa, saía-se com quatro pedras na mão:

- Que se quisessem era assim. Tempo de cativo já tinha passado."

(REGO, 1989:59)

Rego via estas negras como exemplo de bom comportamento, mas seu texto também nos mostra negras marcando sua área de atuação, ou seja, não admitindo nem mesmo que os donos se metessem na sua cozinha e no seus serviços. O grito, a malcriação, era a maneira encontrada pelas negras, para se fazerem respeitadas. Nas suas resistências sempre lembravam, "*tempo de cativo já havia passado*." (REGO, 1989)

2.4.2 Cabras reagindo à sua maneira.

Não só as negras trabalhavam no engenho, como também, no eito bem perto da casa grande, trabalhava grande quantidade de "cabras", vigiados por um feitor com um cacete nas mãos. Neste eito, havia aqueles que se destacavam no serviço, outro usavam como arma, o remancho procurando trabalhar o mais devagar que podiam. Existiam trabalhadores que se destacavam no trabalho, agüentando todo repuxo, sem serem, porém, subservientes; estes trabalhadores tinham sua maneira de ser e, ao gritos do coronel, respondiam com gritos.

Existiam, também, aqueles que freqüentemente se queixavam de dores, colhendo os resultados imediatos, ficando para eles os serviços mais maneiros. Cada um tinha sua maneira de reagir, alguns sem darem bolas para os gritos e ameaças do feitor, fazendo de conta que nada estavam escutando.

2.5. O roubo em tempos de apogeu e de crise

- Não era para vender não. Seu Doutô. Pela graça de Deus que não era. Estava levando estes pauzinhos para casa." (REGO, 1980:115)

Outra diferença que se percebe é que se, nos tempos do auge do engenho o roubo é individual, quase sempre movido pelo morador, agora, nos tempos de crise, o ato é alargado e toda a família passa a investir nesta prática, e assim muitas vezes, o feitor trazia a família inteira na corda. Como vimos na citação anterior, já não é um indivíduo a ser pego no flagrante como nos tempos do coronel José Paulino, mas "este povo" a quem se referiu o feitor.

Mas, não era só o roubo de madeira ou lenhas que acontecia no mundo rural: existiam casos isolados de roubos, como um contado no livro *Menino de Engenho*, mostrando o velho Pinheiro que roubava como um boi ladrão. Em *Doidinho* aparece uma família que foi abordada pelo feitor roubando mandioca. Presos, todos foram levados à presença do coronel, e este, indagando o que tinha acontecido, a mulher do trabalhador começou a chorar nos pés do coronel.

"- Acabe com isto (...)

- Podem ir embora. Em vez de reparar no serviço, vêm-me para aqui com estas besteiras " (REGO, 1966:116)

No livro *Bangüê* também o autor trata de pequenos deslizes dos trabalhadores, aparecendo o João de Joana como o "cabra" que fora encontrado pelo feitor roubando laranjas no pomar, passando assim, para a categoria de ladrão de engenho. Era um costume que vinha desde criança, porém, nos tempos de menino, ninguém tratava isso como roubo, nem tão pouco tinham o autor como ladrão. E o João de Joana cresceu nos pomares pegando laranjas quando necessitava.

2.6. A mulher: "A melhor maneira de roubar do engenho com garantia "

2.6.1. A mulher: violentada e os pais a espera de melhorar de vida

Como já vimos anteriormente, quando trabalhamos as "mentiras" do morador para escapar do trabalho, a mulher tem um papel fundamental na afirmação destas mentiras. Constantemente sua fala é acionada para dizer da "doença" do marido, da ida do marido ao eito, ao roçado. Mas ela assume, ainda, outros papéis fundamentais. Neste sub-item, será trabalhado como a mulher violentada e a mulher prostituta são exploradas pelos moradores para conseguirem certos privilégios, naquele universo do engenho.

Adelaide era uma adolescente que viveu com o sinhozinho do Santo Antônio. Ela gostava de contar sua história. Os seus pais trabalhavam no eito e ela ficava cuidando das crianças. O senhor de engenho diariamente passava por lá e falava com ela de cima do cavalo. Certo dia, com uma tábica de cipó bateu nos seus peitos e ela correu para dentro de casa; mas estava só, os irmãos pequenos tinham ido buscar água. O sinhozinho colocou a porta abaixo e ela, não tendo por quem chamar, foi usada por ele como bem queria. Ela contou ao pai o acontecido, sua mãe ficou furiosa não entendendo o porquê da resistência da filha. Acreditava que isto era a melhor coisa que podia ter acontecido com a filha.

"O que é que queria de melhor? Não gostava do capitão Sinhozinho, mas ele gostava dela porque vinha todos os dias." (REGO, 1980:97).

Passados alguns tempos, veio um sujeito de cara feia e lhe deu uma surra, a mando da senhora do engenho, e ela anoiteceu e não amanheceu. Isto não aconteceu só com Adelaide, era comum os senhores de engenhos trocarem as camas de colchões de suas mulheres pelas de varas das raparigas. Elas apanhavam muito, mas ficavam felizes quando criavam barrigas dos senhores. Na bagaceira elas viviam em pé de igualdade com as casadas. Os pais só não aceitavam quando vinham de mão abanando, tinham que conseguir ganhar alguma coisa: seriam muito bem aceitas pela família, se tivessem sorte de pegar o senhor de engenho.

Os filhos eram criados sem miséria, com muita fartura. Existiam muitas prostitutas de fogo morto, porém muitas tinham fama, como a conhecida por Sinhá Germinia do coronel Jerônimo que vivia na fartura, possuindo até um carro de boi para andar.

2.6.2. A mulher prostituta

No mundo dos coronéis, as mulheres também usavam de astúcias, existindo aquelas que passavam a ser amantes do coronel ou de alguém de sua família, e desse modo, a terem mais privilégios inclusive para seus familiares.

"Comiam mais. Vinha açúcar do engenho, o barracão mandava as coisas de graça. E protegiam a família. O pai deixava o eito, não pagava foro para o roçado, dava-se a importante para os outros. A menina, na cama de varas, garantia estes luxos." (REGO, 1980:98).

Nos engenhos era muito comum este procedimento, muitas vezes as mocinhas eram incentivadas por sua própria família, mas as mães muitas vezes achavam que o melhor para suas filhas seria viver com o coronel. Rego dizia que essa era a melhor maneira do pobre e sua família *"roubar do engenho com garantia."*

2.7. Vendas de algodão: "os 'cabras' se defendiam por fora."

O romance Menino de Engenho trata dos bons tempos dos engenhos, portanto trabalha um período em que a cana-de-açúcar estava no auge, com uma produção voltada para a exportação, ficando o algodão, desse modo, reduzido a segundo plano, merecendo maior destaque, portanto, a cana-de-açúcar. Só bem mais tarde, com o preço do açúcar em baixa e a valorização do algodão, é que os senhores de engenho passaram a plantar essa cultura fibrosa, como alternativa para amenizar a crise do açúcar.

Mas, o algodão aparece com destaque somente na obra Bangüê, uma vez que nela o autor trabalha com a decadência dos engenhos. No romance Bangüê aparecem trabalhadores vendendo o algodão clandestinamente, uma prática proibida pelo patrão.

No mundo rural, o algodão cultivado no engenho deveria ser vendido somente ao senhor, sendo proibido o seu comércio fora de seus domínios. Os moradores recebiam terra e sementes e a produção, quando colhida, deveria ser comercializada, exclusivamente, no engenho, pelo preço acertado antes. Por maior que fosse a fiscalização, os "cabras" vendiam

grande quantidade de algodão fora do engenho e, aqueles que vendiam ao senhor, não se davam por vencidos, sempre estavam aprontando, ou seja, colocando alguma coisa às escondidas no meio do algodão para que esse pesasse mais:

"As vezes, traziam pedras dentro do saco ou molhavam o algodão. O sujeito que fosse pegado assim, perdia o que trazia e ganhava o tronco para se emendar." (REGO, 1980:119).

A autoridade do senhor de engenho muitas vezes era desrespeitada pelos trabalhadores. Eles sempre encontravam brechas para dizer não ao autoritarismo, reinante naquele mundo. Suas "maneiras de fazer", cada vez mais iam sendo postas em práticas e aqueles "cabras", tidos por Rego como uma "tábua rasa", aprontavam maneiras para alcançar o que desejavam. Mesmo sabendo que o senhor de engenho podia usar de suas estratégias para castigá-los, não desistiam fazendo valer o seu desejo. Os trabalhadores não se davam por vencido; muitas vezes o feitor Nicolau chegava com o "cabra" que havia sido pegado vendendo o algodão.

"Mandei-o chamar para dizer-lhe o diabo. Se pegasse outra vez já sabia como era: botava o gado na lavoura e fosse com os cacos para outra parte". (REGO, 1980:127)

Era verdade, confirmou o "cabra", tinha mesmo vendido o algodão na cidade de Pilar, a safra tinha sido pequena e precisava de um pouco de dinheiro para comprar roupas para os filhos que estavam precisando. Era proibido, disse o senhor, se continuasse a agir assim teria que procurar outro canto para trabalhar.

"O cabra não me disse uma palavra. Tive pena daquela passividade absoluta." (REGO, 1980:128).

A terra era do senhor de engenho, justificava-se, não podendo permitir que isto acontecesse, pois, não era ele quem dava casa para morar, terra para a mandioca, para o milho, para a fava? O que eles queriam mais? Se não obedecessem, podiam desocupar a terra. Mesmo agindo o coronel com todo rigor, fiscalizando o tempo todo os trabalhadores, estes

encontravam saídas, brechas para “burlar” e dizer não a esse autoritarismo. E no seu cotidiano, o trabalhador, ao seu modo, construía pequenas liberdades no seu espaço.

2.8. Fuga: uma busca por melhores dias.

No mundo do engenho, existiam aqueles que não estavam satisfeitos com a vida que levavam e, para escapar dessa vida, fugiam à procura de melhores lugares para viver. Ricardo é um exemplo desse trabalhador, que foge para a cidade grande, em busca de mais oportunidades de vida, deixando a vida rural para trás, em busca de um mundo diferente, uma experiência nova, um sonho de uma vida melhor.

“ - Negro fujão, pensa que lá por fora vai ter vida melhor. Vai é morrer de fome.” (REGO, 1993:7).

A imagem de uma vida melhor, circunscrita ao engenho, é uma visão do dominador, que acreditava ser o mundo ideal aquele onde vivia e reinava; essa não era, necessariamente, a mesma maneira do trabalhador pensar, por isso estava sempre pensando em táticas de fuga. No caso de Ricardo, era difícil para o coronel acreditar naquela resistência, pois aquele moleque ensinado, parecia incapaz de qualquer resistência. Ricardo, como também os outros trabalhadores, sonhavam com uma vida melhor e, desse modo, deixavam a bagaceira à procura de uma vida nova, esperança de conseguir um emprego. Assim nova vida adquire uma sinonímia de trabalho e uma antinonímia de aluguel.

“Empregar - como essa palavra era diferente de alugar!” (REGO, 1993:8).

No mundo rural, o trabalhador era alugado, soando assim para Ricardo como ofensa, como trabalhador que não dispunha de sua liberdade, ou seja, um escravo, sem dia de serviço pago, *“trabalhando pelo que comiam, pelo que vestiam.” (REGO, 1993: 8).*

Alugar era diferente de se empregar, e sendo assim, o trabalhador fugia para realizar seu sonho, para Ricardo era necessário agir, para poder subir um pouco mais.

A obra “O moleque Ricardo” mostra Ricardo como exemplo de trabalhador que sonhando com uma vida melhor optou pela fuga. A obra “Fogo Morto”, do mesmo autor, conta a história do negro Domingos que fugiu do engenho Santa Fé. O moleque era “boa

pinta”, com apenas 18 anos e uma saúde de ferro. Ao saber a notícia o capitão Tomás, furioso, saiu juntamente com o negro Laurindo à procura de Domingos, apesar do apelo de dona Mariquinha, para entregar o caso ao capitão-do-mato. *“E cheio de coragem, de ânimo, o capitão Tomás botou-se para a caçada à sua peça.”* (REGO, 1992 :129)

O capitão Tomás o procurou por todos os engenhos do norte, depois foi para Goiana e lá sabendo o seu paradeiro, procura o proprietário da fazenda e a resposta que recebe: *“- isto aqui não é quilombo. Os negros que tenho custaram o meu dinheiro.”* (REGO, 1992:129). E para seu Tomás receber o negro de volta teve que ir à procura do Barão de Goiana, e este prometera que no máximo até a quarta-feira, o negro estaria no seu poder. *“E assim tudo foi feito. Numa Quarta-feira, de tarde, bateu-lhe na porta o negro fugido, que veio cair-lhe aos pés chorando.”* (REGO, 1992 : 130)

Mas o negro Domingo não desiste e foge novamente, e desta vez levando consigo dois cavalos. Desta vez o capitão Tomás e o seu genro saem à procura do negro, que partira em direção a Campina Grande. E quando encontrado, logo foi vendido ao senhor de engenho que mais maltratava negro na região.

2.9. O não pagamento do foro: um direito ou dever.

Nas propriedades rurais, era uma prática comum o pagamento do foro por parte dos trabalhadores ao proprietário da terra, mas nem sempre isto acontecia, havendo aqueles que não procuravam cumprir com o combinado. Os "cabras" chamavam nomes feios, rogavam pragas, resistindo ao pagamento como podiam.

“Aquele cabra Januário que já uma vez merecera um voto de clemência de minha parte, estourara com o feitor. Não pagaria foro. Mandou dizer por um vizinho. E quem quisesse que fosse cobrar.” (REGO, 1980:170).

Mesmo sendo uma prática costumeira existiam aqueles que diziam não a este costume, não se submetendo as ordens dos dominadores. Resistindo como podiam

No mundo da bagaceira, existia diversas modalidades de trabalhadores. O trabalhador alugado, também conhecido como trabalhador do eito, que para morar nas terras do engenho precisava dar três dias de trabalho no eito. O trabalhador meeiro, que recebia terras e sementes

do senhor, mas em troca deixava com o senhor metade de tudo que colhia. O foreiro era aquele trabalhador que plantava nas terras do engenho, mas todos os anos tinha que pagar o foro, ou seja, o imposto ao senhor de engenho. Mas existiam aqueles que de tanto tempo que viviam nas propriedades, não pagavam mais o foro, morando na terra, plantando exclusivamente para as suas necessidades. Também existiam ali trabalhadores que viviam por conta própria, possuíam um ofício trabalhando para si, sendo vistos como trabalhadores livres, escolhendo assim para quem trabalhar. "*Trabalho para homem que me respeite.*"¹¹

O livro "Fogo Morto" retrata o mestre José Amaro como exemplo de trabalhador que de tanto tempo que morava no engenho não pagava o foro ao senhor de engenho. Era filho daquele homem branco, que viera para o Santa Fé por ter assassinado um homem em Goiana. Não era do agrado da senhora do engenho, aquela gente morar ali sem que pagasse o foro.

"Aquele morador do engenho que não pagava o foro, que não dava serviço, que era como se fosse dono da terra onde morava. Nunca falara a Lula., é verdade que aquele sistema vinha do tempo de seu pai." (REGO, 1992:178)

O mestre José Amaro não compreendia qual a razão de ter sido jogado fora do Santa Fé. Aquela era a mesma casa que tinha sido do seu pai, onde nascera, onde aprendera um ofício, seria agora de outro? Um amigo a quem ele contou, a história não acreditava.

"O senhor não matou, o senhor não roubou, e chega um doidela deste e sacode o senhor para fora dum sítio que vem do seu pai." (REGO, 1992:110)

O amigo mandou que não saísse do sítio, "deve haver direito". E para que esse direito fosse posto em prática os amigos procuraram a pessoa que José Amaro mais admirava. E o capitão Antônio Silvino logo foi avisado. Na porta da casa grande do engenho Santa Fé parara um cargueiro com uma carta para o senhor de engenho.

"Vem cá, Amélia, lê isto heim, vê que desaforo. Era um bilhete do capitão Antônio Silvino em termos de ordem. Mandava dizer que o mestre José Amaro tinha que ficar no sítio, até quando ele bem quisesse. A casa inteira se alarmou com a notícia." (REGO, 1992: 198)

¹¹ Rego :Fogo Morto pp. 5

E ficar, desse modo, o fraco procura tirar proveito do forte podendo assim, José Amaro continuar na sua casa até morrer. Sem que o coronel Lula de Holanda nada pudesse fazer para impedir, e sendo assim, o mestre José Amaro continuava escolhendo para quem queria trabalhar. E nessa sua determinação muitos senhores de engenhos eram excluídos, esse trabalhador procurava se valorizar, acreditava que não precisava submeter-se às humilhações e aos gritos dos senhores de engenhos. *"trabalho para quem quiser, não sou cabra de bagaceira de ninguém."*¹². Ora, esse trabalhador escolhia para quem trabalhar, procurando atender somente aqueles que sabiam tratar bem o trabalhador. *"Senhor de engenho, na minha unha, não falava de cima para baixo."*¹³ Ele se orgulhava de não obedecer às ordens de "mandões", não aceitando encomendas de quem não soubessem falar bem com os mais simples. Gritos eles respondiam com gritos. Para esse trabalhador, se o coronel tinha o seu orgulho, ele também tinha o seu.

2.10 Antônio Silvino, para os pobres um herói: para os dominadores um bandido

Muitos trabalhadores admiravam o bando de Antônio Silvino, pois este era visto como exemplo de resistência, sendo capaz de resistir às forças do Estado, como também aos poderes dos "mandões". Exercendo para aquela gente simples um poder mágico.

"Era o seu vingador, a sua força indomável, acima de todos, fazendo medo aos grandes." (REGO, 1992: 52)

Corria a notícia que a tropa do governo pegara o Pascoal Italiano e dera muito nele. Disseram ao tenente que o mascate fazia serviço de espionar para o bando de Antônio Silvino e deram com ele na cadeia de Espírito Santo. O tenente estava inquieto, só sossegaria quando pegasse o cangaceiro. O negro Salvador também fora interrogado, saindo da cadeia com as mãos inchadas de bolos. O mestre José Amaro e seus amigos, ao saber destas notícias não escondiam o ódio que sentiam da tropa.

*"Deram mesmo no Italiano, compadre?
- Vi o homem que faz pena, meu compadre. Policia de bandidos.
É por isto que o povo está com o capitão Antônio Silvino?"*

¹² Rego ; Fogo Morto pp. 11

¹³ Rego ; Fogo Morto pp. 11

(REGO, 1992 :58)

Antônio Silvino era símbolo de resistência para os pobres que o conheciam, e por isso era admirado por aquela gente simples.

"Admirava a vida errante daquele homem, dando tiroteios, protegendo os pobres, tomando dos ricos. Este era o homem que vivia na sua cabeça. Este era o seu herói." (REGO, 1992: 59)

Sentiam-se felizes em poder ajudar aquele homem que lutava pelos pobres, que tirava do rico para dá ao pobre e que resistia as tropas do governo. José Amaro era um exemplo de trabalhador que fazia o possível e impossível para ajudar o seu herói.

*"- Já sei o que é. Pode entrar seu Irineu.
- Mestre, eu não sou daqui da Ribeira. Tenho passado por aqui com Alípio nos cambaios. É o seguinte, o senhor já sabe de tuão. O grupo está precisando de algum mantimento de boca. Lá pra cima não tem nada. O capitão mandou esse dinheiro para o senhor comprar uma manta de carne, e uma poção de cigarros e farinha. Eu venho buscar na terça-feira." (REGO, 1992: 74)*

Era uma missão muito difícil, precisava agir com cautela, era uma compra muito grande podiam desconfiar da encomenda. Mas, não era só comprando mantimentos que José Amaro ajudava ao bando, ele também contava com a ajuda de sua mulher:

"- Sinhá, o aguardenteiro Alípio está aí. Vai matar duas galinhas e preparar para ele levar para o Capitão Antônio Silvino." (REGO, 1992: 63)

Enquanto a mulher preparava as galinhas, o mestre José Amaro e Alípio conversavam Alípio contava o episódio do cerco de Ingá. Mestre Zé, o capitão tem reza, reza forte: dizia Alípio. O capitão viu as tropas quando se dirigiam em direção a casa grande e gritou para os companheiros, no tiroteio morreu macacos como moscas.

"O homem se foi, e na casa do mestre José Amaro ficou o terror na sua mulher, e uma sinistra alegria no coração do seleiro. Ele matava galinha e

dava para o capitão Antônio Silvino que mandava em toda a cambada de senhores de engenhos." (REGO. 1992: 64)

Agora era a vez do cego, seu Torquato, procurar o mestre José Amaro para conversar. contava ao mestre os horrores que a tropa do governo estava fazendo por onde passava. Ele dizia que a feira de Gurinhém estava se acabando por que o povo estava com medo do tenente Maurício.

"-É medo da tropa, Seu Mestre, é medo da tropa. O povo arrepenou com o tenente. É um dar sem conta." (REGO. 1992: 64)

E seu Torquato contava mais um episódio, desta vez, era um bate boca do Padre Antônio com o tenente Maurício. Foram dizer ao tenente que o padre andava com conversa com o cangaceiro. O padre confirmou, afirmando que era verdade.

"Contou tudo. Estivera com o bando, conversara com o capitão, e foi por ai afora. O tenente deu o mal dentro e disse o diabo para o reverendo. E ouviu o diabo. O padre Antônio é manso assim, como se vê, mas na hora ninguém faz dele o que quer." (REGO. 1992: 64)

É por isso, dizia o cego, que o povo está correndo da feira com medo do tenente. "surra de tropa não é brincadeira."¹⁴ Seu Torquato contava ao mestre José Amaro que um dia vinha na estrada com seu guia e de repente estava cercado de gente :

"É cangaceiro, seu Torquato'. E era mesmo. Me deram dinheiro na mão. O capitão Antônio Silvino me chamou de parte para saber o que se falava dele na feira de Sapé. Eu disse tudo. Falei de Cazuza Trombone que estava com muitas praças dentro de casa. E do Simplicio coelho que contava goga na loja, dizendo a Deus e ao mundo que na mesa dele cangaceiro não se sentava." (REGO. 1992: 65)

Sabe por que contei tudo a ele? Um dia o pobre do cego estava sentado na calçada de Simplicio e ele ordenou que eu saísse. E, é por isso, que o capitão fez aquela desgraça? Contei ao capitão as besteiras que ele andava falando, disse o cego.

¹⁴ Rego : Fogo Morto pp 64.

Ajudar ao bando de Antônio Silvino era a maneira encontrada pelo trabalhador, para dizer não ao autoritarismo dos coronéis, como também aos abusos do estado. Pois sabiam que com ele podiam contar. Antônio Silvino aparecia para os trabalhadores como herói do povo, enquanto que a polícia aparecia como uma autoridade que só recebia ordens dos ricos. "*Nesta terra só quem não tem razão é pobre.*"¹⁵ Esta citação mostra como os trabalhadores se sentiam diante da polícia, diante dos representantes do estado. Estes viam no trabalhador pobre um bandido em potencial. Os policiais, representantes do estado, apareciam para estes trabalhadores, não como alguém que eles poderiam contar, mas como um inimigo, despertando nesta gente um sentimento de muito medo. E essa gente sofrida não tendo a quem recorrer, restava uma alternativa, ajudar ao bando de Antônio Silvino, pois acreditavam eles, que este tirava dos ricos para dar aos pobres, fazendo justiças com as próprias mãos. Essa também era uma das saídas encontradas pelos trabalhador. E aquele "cordeirinho" agia até mesmo na calada da noite.

2.11. Marreira : o "camubembe" que venceu com suas "astúcias".

Trabalharei neste sub-item com um personagem singular, José Marreira. Marreira personagem de mais de uma obra de José Lins do Rego: "Menino de Engenho," que trata do período de apogeu do engenho, "Banguê" que retrata o tempo de crise e decadência do engenho e "usina" que trabalha o momento em que a modernidade e o capitalismo estavam invadindo o mundo rural. Na passagem de uma obra para outra, de um tempo para outro, também Marreira se transforma.

"Tão humilde, quando chegava para o velho Zé Paulino, de pés no chão pedindo até ordem para fazer serviço em outros engenhos, com o seu próprio carro. Vinha saber sempre se a fazenda não precisava dele, naquele dia." (REGO. 1980: 120)

Marreira é um exemplo de "cabra" que no tempo do engenho próspero, ele se comportava como um "camobembe," tirando o chapéu para o coronel e obedecendo todas as suas ordens, mas com a decadência do engenho e um senhor fraco, sem muito pulso, menos experiente, Marreira começa tirar proveito da situação.

¹⁵ Rego ; Fogo Morto pp11

"Começava, porém, a perceber que José Marreira crescia demais. Já andava de botas e vivia de trem, comendo em restaurante. Tinha até patente de capitão, na boca do povo. Não era mais o seu José: subia. As filhas estavam no colégio. E o melhor cavalo de sela do engenho comia na sua estrebaria. Recebia em casa o povo de Pilar, dando festas de batizados. O chefe era seu compadre e dera uma esmola maior do que a minha para a festa da padroeira." (REGO, 1980: 119)

A princípio, Marreira procurava o senhor para pedir terras para produzir e cercado para criar o gado, mas sempre pagando o foro exigido pelo senhor. Cada dia, Marreira procurava plantar mais, aumentando assim o seu espaço e, desse modo, chegou a possuir mais cana que o senhor de engenho. Marreira continuava aprontando e, desta vez, necessitava vender cana a usina, mas não esquecia os seus deveres, porém pagando ao senhor de engenho trinta por cento de tudo. Marreira andava a passos largos, deixando o senhor de engenho preocupado com sua "engenhosidade". Ele já não mais pedia ordem ao senhor de engenho, tirando madeiras de suas matas sem consentimento do dono. Também sem pedir permissão trazia os moradores do engenho para trabalhar para ele.

"Dera entrada ao moleque, chegando àquele ponto. O cabra criava até cara de senhor. Nem parecia aquele que eu conhecera aos pés do meu avô, a dar conta das causa" (REGO, 1980:120)

José Marreira conseguia mudar de vida, passava pela porta do engenho carros de gado de Marreira em melhores condições do que o do senhor de engenho. José Marreira ia invadindo o espaço do outro: dando casas para morador, fazendo tijolos para vender em Pilar. Agora Marreira só procurava o senhor para dizer as coisas, quando já estavam feitas:

"- Mandei tirar uns paus na mata para cobrir a casa de fulano". (REGO, 1980: 120)

Marreira, com sua esperteza procurava "ajudar" ao senhor de engenho emprestando-lhe dinheiro, era um meio de deixar o senhor de engenho lhe devendo favores:

"Estava devendo ao moleque dez contos de réis. Pagaria na safra".
(REGO, 1980: 121)

Da casa grande avistava-se as canas de Zé Marreira, ele sempre procurava agradar o senhor de engenho. *"Mandava um presente de fruta. Dera-me até um belo cavalo"*. Em contrapartida:

"Agora, fizera um partido no outro lado da linha. Da casa-grande podia ver as canas de Zé Marreira, sobre os altos. Tomou-me para padrinho de um filho. E só me chamava de "o meu compadre doutô Carro." (REGO, 1980: 129)

Zé Marreira rodeava de todos os lados o senhor de engenho, chegando ao ponto que não dava mais para continuar com aquela situação, precisava resolver aquele problema, não dava mais para suportar.

"Marreira me deixou falar, com a mesma cara, sem nenhum sinal de aborrecimento. Depois que me calei, o moleque saiu-se com sua conversa. (...) Depois voltou-se para mim e endureceu mais a palavra. - Peço setenta contos pelo que tenho, meu compadre doutô Carro."
(REGO, 1980 :132)

Ora Marreira tinha um objetivo, tinha uma intenção, sabia exatamente onde queria chegar, procurava desestabilizar o senhor de engenho, diariamente aumentava o seu partido de cana fazendo crescer o seu cercado, construindo casas para ele próprio como também para alguns moradores, procurando cada vez mais ampliar as benfeitorias que fazia nos domínios do outro. Ele procurava está sempre em dia com suas obrigações, pagando os impostos, ou seja, procurava pagar o foro sempre em dia, e desse modo, sentia-se seguro para exigir os seus direitos. A situação chegava a tal ponto que o senhor de engenho não sabia que atitude tomar. E o "cabra" deixava o senhor em "maus lençóis".

"Pois meu compadre Doutô Carro, o senhor acha direito eu perder tudo? Sou matuto, Doutô, ignorante. Conheço os meus direitos. Não estou pedindo exorbitância. Avaliei tudo baixo.(...) Fiz uma casa de primeira, na propriedade. (...) Gastei Dinheiro ali é verdade.(...) Quero somente receber o prejuízo.(...) Sou pobre, mas só olho para o que é meu. Ganhei com o suor do meu rosto o pouco que tenho.(...)" (REGO, 1980: 133)

Marreira pouco a pouco ia invadindo mais espaço, chegando a uma melhor situação que a do senhor do engenho. Mas ele não parou por aí, e a briga que antes era com ele passou para a usina, deixando que o senhor de engenho brigasse com um concorrente mais forte.

"Zé Marreira me mandou a resposta em carta. Carta escrita a máquina, em papel timbrado da Usina São Félix (...) ele prevenia que não podia aceitar a minha proposta, porque a usina lhe oferecia melhores condições. Estava em negócio com tudo que lhe pertencia com a firma proprietária da fábrica. Entretanto eu tinha preferência. Mas onde buscar os setenta contos?"
(REGO, 1980: 140)

O golpe usado por Marreira tinha sido decisivo, a briga agora era com um mais forte. Segundo ele não podia perder, tinha os seus direitos, pois sempre havia pago os impostos, ou seja, o foro. Marreira também procurou as autoridades, mostrando para estas como havia agido, procurando convencê-las para que ficassem do seu lado, esta era mais uma que Marreira aprontara.

"O Pilar inteiro ficou do meu lado. O doutô juiz, o seu vigário, o major João José. Agora não posso é perder. Perder não. Não roubei, não tomei de ninguém. O que é meu é meu. Lá isto é. Homem nenhum me toma os direitos." (REGO, 1980: 141)

Desta vez ele envolvia pessoas influentes na sua briga, e seu golpe era de mestre, procurando assim crescer de tamanho, *"O inimigo virara-se um exército com todas as armas afiadas."* (REGO, 1980: 141). A luta seria desigual, usineiro *versus* senhor de engenho, não teria outra escolha, era necessário ceder as exigências do "camubembe". Mas resolvida a situação, Marreira continuava aprontando e, desta vez, comprara o engenho do vizinho. Desta vez, ele procurava tirar os trabalhadores mais especializados e, para isso oferecia preços mais altos, também procurava comprar algodão dos trabalhadores dos engenhos vizinhos.

"O meu povo corria atrás da balança dele, por causa dos duzentos réis a mais que pagava." (REGO, 1980: 152).

Marreira comprava algodão dos trabalhadores mesmo sabendo que era proibido, mas não era só Marreira que estava agindo de maneira ilegal, também os trabalhadores não estavam agindo corretamente à venda do algodão que era uma prática proibida pelos senhores de engenhos. Marreira faz com que acreditemos que o dominado sempre está atento. Está sempre pronto a espera do momento certo, sempre em buscas de novas situações. Mas Marreira conseguia ampliar essas regras do engenho, usando de sua "engenhosidade", prendia vacas do vizinho, ia à procura de trabalhadores do outro para trabalhar no seu eito, até tentava tomar um pedaço de terra.

E Marreira continua crescendo, na obra "Usina", José Lins do Rego retrata Marreira como um comerciante dos mais ricos de Pilar. Mas em contraposição ao usineiro do Santa Rosa endividado, a procura de dinheiro para cobrir suas dívidas. Foi quando se lembrou de Marreira e sem dizer nada a sua mulher foi à procura do "cabra" para pedir um empréstimo :

"Marreira ouviu tudo com muita atenção, bem humilde em sua cadeira de braço e, depois que o doutor acabou, o moleque falou calmo, com a mesma voz adocicada:

- Se eu pudesse, meu compadre, o dinheiro estava nas suas mãos. Para esse seu criado é uma honra. Mas não tenho, meu compadre. Tudo que tenho botei no estabelecimento." (REGO, 1993: 190).

Marreira era um caso singular de trabalhador, ele extrapolou todos os limites, não era isso que acontecia sempre, no mundo rural era mais comum os trabalhadores usarem pequenas práticas. E no seu dia a dia os "cabras" agiam com pequenos atos, mas era através destes pequenos atos que os trabalhadores diziam "não" aos dominadores.

Mas não era só através destas maneiras que os trabalhadores procuravam reagir, eles também procuravam maneiras amigáveis para tirar proveito do forte.

2.12 Compadrio: Uma relação de amizade?

Entre dominadores e dominados eram muito comuns as relações de compadrio, essa relação consistia em o trabalhador rural tomar para padrinho do seu filho o proprietário. Essa era uma das maneiras encontradas pelo trabalhador no intuito de ampliar os laços de familiaridade. Ser compadre do senhor de engenho significava para o pequeno mais

segurança, mais amizade, mais regalias. O compadre rico era a pessoa a quem o pequeno podia recorrer nas suas necessidades. Os dominados, para conseguir mais prestígios, convidavam os senhores de engenhos para batizarem os seus filhos estreitando mais os laços de amizade e, desse modo, a relação de compadrio passou a ser uma prática muito comum no mundo rural. Era de praxe os trabalhadores do engenho, à noite, reunirem-se no alpendre da casa-grande para conversar, pedir favores, contar a sua história, chamar para padrinho ou madrinha de seus filhos.

" E ficavam pela banca conversando com as negras, contando dos seus aperreios à tia Maria, chamando-a para madrinha de mais um filho."
(REGO, 1989:60)

O que podemos perceber destas imagens de trabalhador apresentadas por José Lins do Rego? Apenas a imagem daquele cordeirinho do início do nosso capítulo? Podemos perceber que usando de "astúcias" eles são capazes de dizer "não" ao autoritarismo sem que os dominadores percebam. Nós, historiadores, não podemos conceber estes trabalhadores como uma tábua-rasa, sem opiniões próprias e submissos às ordens dos dominadores. Para nós, eles possuem uma maneira própria de pensar, que acaba influenciando nas suas "maneiras de agir", e estas pequenas práticas cotidianas são as suas "maneiras de fazer". A partir das obras analisadas percebemos que os "cabras" no seu dia a dia usa sua "engenhosidade" para procurar tirar proveito do forte e, desse modo, o pequeno não podendo escapar do sistema dominante encontra pequenas maneiras de burlar este sistema. Para nós, estes trabalhadores agem de modo "*silencioso e quase invisível*,"¹⁶ usando de "astúcias" eles são capazes de dizer "não" ao autoritarismo sem que os dominadores percebam.

Entretanto, pensar o mundo do coronel a partir deste olhar que percebe a engenhosidade do fraco é apenas mais um retrato desse mundo, balizado num olhar historiográfico informado por uma teoria que se preocupa com os espaços de micro-liberdade construídos cotidianamente pelo mais fraco. Outros retratos foram construídos para este mundo historiograficamente pensado como um mundo movido pelo ideal paternalista. Que seja! Entretanto, não estamos falando daquele modelo paternalista que lê o mundo a partir da ótica do senhor, a partir da sujeição absoluta do fraco e do poder igualmente absoluto do forte. Para tanto, balizo minha leitura no trabalho de Eugene D. Genovese(1988), estudioso norte-

¹⁶ Michel de Certeau : A Invenção Do Cotidiano pp. 39

americano, que dedicou seus estudos à escravidão, mostra como se desenvolveu a relação paternalista no sul dos Estados Unidos. Para ele era uma relação cruel, injusta, exploradora e opressiva. A escravidão acontecia nesta sociedade sobre o princípio da propriedade do homem, e ao mesmo tempo, era baseada na exploração do trabalho humano. Nesta sociedade, as pessoas viviam do trabalho do outro: a "escravidão subordinou uma raça a outra"¹⁷ Genovese parte do princípio que o paternalismo, nada tinha a ver

"Com a ostensiva benevolência do Ole Massa, sua cordialidade e seus bons propósitos. Ele surgiu da necessidade de disciplinar e justificar, moralmente, um sistema de exploração. Estimulava a bondade e a afeição, mas também, simultaneamente, a crueldade e o ódio. A distinção racial entre senhor e escravo acentuava a tensão inerente a uma ordem social injusta." (GENOVESE, 1988 : 22)

Para acompanhar melhor o trabalho nas suas "plantations," os senhores passaram a residir nas suas fazendas e, desse modo, os fazendeiros, nos fins do século XVIII haviam se tornado uma classe dominante regional. Com o fechamento do tráfico africano, os senhores foram obrigados a dedicar mais atenção a produção de sua força de trabalho. Na relação paternalista, senhores e escravos viviam muito próximos. Era um paternalismo cuja sociedade era baseada no racismo, na escravidão e na exploração do outro e ao mesmo tempo essa sociedade dependia da voluntária reprodução e da produtividade dos escravos.

"Para os senhores de escravos, o paternalismo representava uma tentativa de superar a contradição fundamental da escravidão: a impossibilidade de os escravos vierem a torna-se as coisas que se supunha que fossem." (GENOVESE, 1988: 23)

Genovese (op.cit) assinala que o paternalismo definia o trabalho dos escravos como retribuição à proteção, como também o modo como eram dirigidos pelos senhores. Por outro lado, a necessidade que os senhores tinham de que seus escravos fossem vistos como pessoas humanas fazia com que os escravos se sentissem valorizados moralmente, sendo estes beneficiados com isso.

¹⁷ Genovese: A Terra Prometida. pp. 21.

"A insistência do paternalismo e obrigações mútuas deveres, responsabilidades e, em última instância, até direitos-representava, implicitamente, a humanidade dos escravos." (GENOVESE, 1988: 23)

Neste mundo pautado nas relações paternalistas os escravos procuravam "brechas", ou seja, armas de defesas e, para isso, usavam como arma a religião para fazer valer os seus direitos. Foi na religião que aprenderam várias formas de defesa:

"a se amarem e valorizarem uns aos outros, a assumirem uma visão crítica em relação aos senhores e a rejeitarem as justificativas ideológicas para a sua própria escravidão." (GENOVESE: 1988: 24)

Nesta comunidade era preciso que senhores e escravos tivessem algum grau de interesse e respeito próprio. O paternalismo sulista não nasceu por acaso, e sim, da necessidade de medir os existentes conflitos de classes e raças. Ele, tanto protegeu os senhores como também os escravos das tendências de suas condições, e esta posição, para mim, enquanto historiadora, é a grande contribuição de Genovese:

"Fazia uma mediação, embora injusta e até cruel, entre senhores e escravos, e disfarçava, mesmo que imperfeitamente, a apropriação do trabalho de um homem por outro." (GENOVESE, 1988: 25)

O paternalismo define a relação de supremacia e subordinação. À medida que seus membros aceitam como legítima essa relação. Contudo, o paternalismo sulista, para Genovese, para legitimar-se aceitava e reconhecia a humanidade dos escravos, levando em consideração talento e a capacidade, sem desconsiderar que existia uma doutrina de obrigações recíprocas.

E desse modo, para os escravos, o paternalismo era visto diferentemente da forma imaginada pelo seu senhor. Primeiramente, os escravos procuravam transformar em resistência não aceitando a escravidão como uma condição natural para os negros, não aceitando a inferioridade do negro, como também não aceitavam que os negros não tivessem qualquer direito próprio.

Segundo Genovese, os escravos ao aceitar um ethos paternalista, como também a legitimação do domínio de classe, desenvolveram uma poderosa arma contra a desumanização

embutida na escravidão. O paternalismo fez com que suas vítimas acordassem conseguindo uma própria interpretação de ordem social que o paternalismo pretendia justificar. E desse modo, os escravos ao recorrerem a uma religião que, na ótica dos senhores, acreditavam garantir-lhes a submissão e a docilidade, usavam-na a seu modo, fabricando com ela o que não estava previsto pelos senhores. Muitas vezes, nesta mesma religião imposta pelos senhores, os escravos eram instrumentos que possibilitavam *"rejeitarem a essência da escravidão ao descobrir seus próprios direitos e seu valor como seres humanos."* (GENOVESE, 1988: 25)

CAPÍTULO 3 - NOS TERRITÓRIOS DA USINA

Este capítulo procura mostrar um pouco como o trabalhador reagiu àquelas mudanças todas a partir da imagens criadas por Rego. Mostra como José Lins do Rego descreve, retrata o momento em que a modernidade penetra no mundo rural e como se deu o rompimento dos laços paternalistas. A partir deste deslocamento, procurando detectar como os trabalhadores reagiram a todas estas mudanças. E quais as maneiras encontradas pelo trabalhador para dizer "não", a todo despotismo da usina. Nossa idéia é, num primeiro momento, resgatar a imagem que Rego constrói do universo da usina, imagem esta pautada na idéia de perda, de saudade, de dor, de sofrimento e de aprisionamento do trabalhador. Num segundo momento, nossa idéia é resgatar os lugares de resistência deste universo agora muito mais limitados, restritos, atrofiados.

O senhor de engenho queria ser usineiro, tinha a ambição de mandar e de ser rico, era só isso que importava para ele.

"A família queria uma usina, alcançar o progresso, igualar-se com outras, que havia subido de condição, com as turbinas a vácuos." (REGO, 1993: 43)

O dr Juca via o exemplo das usinas de Pernambuco e da usina São Félix como um meio de aumentar de condição. A usina Bom Jesus nasceu da luta do São Félix e da família do coronel José Paulino que necessitava se defender das garras do usineiro. O Santa Rosa foi escolhido para a sede da usina por ter bastante água, um lugar de destaque, perto da estrada de ferro e vizinha de outros engenhos facilitando assim, todo o trabalho.

3.1. Era um engenho: "Tudo que era tão natural e tão seu, se fora."

No Santa Rosa tudo era festa. A velha casa, onde o coronel José Paulino passou grande parte de sua vida tomava nova forma se preparando para sede da usina.

"Ali na cozinha, nas portas largas por onde entravam e saíam os moradores e as negras, tinham posto grades de ferro. A sala de visitas se enfeitara de

poltronas, como os que se viam nas casas da cidade. Os quartos de dormir se forraram. O grande casarão tomava assim outras cores, outro jeito, outras maneiras de receber os que chegavam." (REGO, 1993: 44)

Daqueles velhos tempos restava somente a saudade, aquelas portas abertas e de uma cozinha cheia de gente. *"rudo que era tão natural e tão seu, se fora."*¹⁸ O usineiro que pretendia trazer o progresso para o campo não admitia que *"a casa-grande da usina não podia continuar a ser uma casa-grande do engenho"* (REGO, 1993: 45). Aquele banco de madeira do tempo de José Paulino foi substituído por uma cadeira de vime. Com a modernidade chegando ao mundo rural, os laços paternalistas começavam a se desmoronar. Era uma mudança radical, os novos valores estavam sendo postos em prática.

"A rua, a antiga senzala dos negros, não podia ficar bem defronte de uma residência de usineiro. Botaram abaixo. E as negras tiveram que procurar abrigo mais para longe." (REGO, 1993: 45)

Não existia mais aquela preocupação com o "outro", o usineiro não podia perder tempo com "besteiras", e aquelas negras como: Avelina, Luísa, Generosa, Joana Gorda, que fossem com seus "trens" lá para o auto.

"Agora a casa-grande da usina não tinha mais para lhe tomar a frente o arruado feio de taipa, com aquelas negras sentadas pelo chão, tirando as suas sestas. A casa grande brilhava livre daquela feiúra." (REGO, 1993: 45)

A usina crescia. Nova vida começava, a mulher do usineiro planejava fazer alguma coisa, uma horta, um jardim. Mas não era possível, a terra agora era toda coberta de cana, cana por todos os cantos. Até as negras tiveram que sair da senzala para que as canas pudessem crescer por ali. A senhora da usina sofria com aquelas modificações, não estava acostumada com aquela nova vida. *"A usina pedia que se botasse o coração de lado."*¹⁹ Eram muitas as modificações e, desta vez, era Generosa que estava sendo substituída por uma nova cozinheira que acabava de chegar da capital. O tempo da usina era descrito por Rego como território da saudade. Era grande o sentimento de perda de toda esta gente. Uma grande saudade do tempo do velho José Paulino, um tempo que não mais voltava:

¹⁸ José Lins do Rego: Usina pp 45

¹⁹ Rego Usina pp 49

"Desde que o velho fechara o olho que aquela casa só andava para trás. Ninguém podia viver mais. O dr Carlinhos fora aquela desgraça que se vira. Agora era o dr Juca botando tudo abaixo. Só podia ser mesmo castigo de Deus. E chorou. Só não ia para outro lugar porque não tinha mais pernas para nada. Era um caco velho. Tudo que era bom tinha se acabado."
(REGO, 1993: 49)

Outra medida tomada pelo usineiro foi colocar grades na cozinha, antes, no período do engenho, ela vivia cheia de gente e as portas sempre abertas para todos.

"O marido lhe dissera que era preciso acabar com aquele povão entrando pela cozinha a dentro. O pai consentira naquilo porque se viciara com aquela vida. Não ficava decente aquelas negras passarem o dia por ali conversando. E ainda mais: ela não deveria permitir que as mulheres dos moradores vivessem a todo o instante na casa-grande. Aquele povo devia saber que o tempo do velho José Paulino havia passado." (REGO, 1993: 49)

E crescia a sensação de perda, a mulher do usineiro não sabia o que fazer, "Bem bons os tempo do Pau d' arco!" dizia a mulher do usineiro se referindo aos tempos do engenho. Todos os laços paternalistas estavam desmoronando, e desta vez, ele não consentia mais que dessem leite aos moradores.

"Os moradores, coitados, já estavam acostumados com o leite da casa - grande. Alguns mandavam, de manhã, os filhos com garrafas buscar um leitinho para os mais pequenos. O velho lhes dava, vinha dando há muitos anos e dr. Juca mandara acabar com aquilo." (REGO, 1993: 50)

Era muito difícil para todos, ninguém se acostumava de uma hora para outra com tantas mudanças. Em Rego o sofrimento produz um campo de solidariedade entre trabalhadores e patrões, não só os trabalhadores estavam sofrendo, também estava sendo difícil para dona Nenen, esposa do usineiro.

"Na usina era diferente. A casa-grande da usina era um mundo para a usineira. Quisera fazer alguma coisa, ser boa, como no Pau- d' arco. Mas

¹⁹ Rego Usina pp49

ali tudo era difícil, era maior. Ela sozinha não daria conta se quisesse fazer alguma coisa. Os moradores de perto da casa-grande tinham sido jogados para longe. Nada de casa de morador pelo meio da várzea, tomando o lugar dos partidos de cana."

(REGO. 1993: 53)

Não só as negras, mas também os trabalhadores do eito tinham sido jogados para bem distantes.

"A usina não permitia que o povo ocupasse um pedaço de terra que fosse boa de cana." (REGO. 1993: 53)

Ali por perto da casa-grande só moravam os mecânicos da fábrica, gente de melhores condições. Os trabalhadores do eito foram jogados lá para longe para os lugares imprestáveis. Estes trabalhadores falavam dos tempos do engenho com saudades.

"- Acabou-se o bom tempo, menino. Desde que o velho fechou os olhos que a gente pena. Mandaram até buscar cozinheira na cidade. Eu até penso muita vez que o dr. Juca não é do sangue da família. Vi aquele menino nos cueiros, fiz muita papa para ele. Romana era quem dava de mamar. E botou a gente para fora. A gente entulhava na rua." (REGO. 1993: 79)

O eito da usina era quase trezentos homens de enxadas, a grande maioria desconhecidos, eram poucos os que restavam dos outros tempos. Agora era necessário dá seis dias de eito. *"O povo antigo saiu quase todo"*²⁰ deixando o lugar para os sertanejos, mas estes vinham no período de seca, bastava que aparecessem os relâmpagos no céu que logo pediam as contas e voltavam para as suas terras.

3.2. O barracão e o pirarucu fedorento

Os trabalhadores da usina trabalhavam 12 horas por dia, entre pêlos de cana, espinho no pé e frieira. E depois, o que ganhavam? Um vale para comprar a carne-de-ceará. Até o bacalhau tinha sido substituído pelo pirarucu fedorento que os trabalhadores passavam o dia todo cuspiendo.

²⁰ Rego :Usina pp81.

"As casas de negócios, que existiam pelo Santa Rosa, tiveram que fechar. O barracão tinha de tudo, para que loja e venda pelas terra da usina? Recebiam os seus vales e caíam no barracão. Seu Ernesto sortira muito bem o estabelecimento. O preço da usina era sem competência. Bem fizera João Rouco, que ganhara o mundo, bem fizeram todos os outros, que se danaram." (REGO. 1993: 170)

O suor derramado o dia todo, era trocado por um vale de metal, que só dava direito a comprar no barracão. No fim do dia este ficava completo de trabalhadores, fazendo as suas contas, comprando alguma coisa para matar a fome da família.

"Dinheiro não corria na usina. A moeda corrente era uns vale de metal. Os trabalhadores davam os seus dias de serviço e quando conseguiam saldo ficavam com sua moeda correspondendo ao valor. Trabalhavam pelo quilo de ceará, pelo litro de farinha ou de feijão e quando o trabalho valia mais que a precisão de comer levavam para casa o vale de tanto, a moeda que só tinha valor no barracão da usina." (REGO. 1993:84)

O usineiro procurava a todo custo prender o trabalhador na usina e, para isso, fazia com que o trabalhador ficasse cada vez mais devendo ao barracão, não podendo sair da usina enquanto a dívida não fosse paga. O que eles ganhavam mal dava para comer, não existindo mais os roçados o jeito era comprar tudo no barracão. Ficando cada dia mais preso ao barracão.

"Alguns pensavam em sair, mas estavam presos ao barracão, pelo pirarucu e pela farinha que comiam. Se fugissem, o vigia da usina sairia atrás, descobriria onde estivessem, como capitão- do- mato atrás do negro. Tinham medo de fugir." (REGO. 1993: 172)

3.3. O endividamento: as garras afiadas prontas para darem o bote

Como vimos no item anterior o endividamento era um recurso usado pelo usineiro para prender o trabalhador na usina. Mas essa arma não era só usada contra o trabalhador. Ela também era acionada para atingir os fornecedores. E desse modo, o usineiro cada vez mais aumentava os seus domínios.

Na usina, existiam escritórios, com trabalhador que se responsabilizavam pelas contas, o que hoje, para nós, seria o contador: para eles seria o guarda-livro. Ele certo dia foi falar ao usineiro para diminuir os juros do capitão Januário, do Gramame, este estava devendo quarenta contos de réis e viera pedir que os juros fossem diminuído, o usineiro não atendeu ao pedido:

"- Diminuir o quê? Quem adiantara os cobres, com que dinheiro ele fizera os partidos e sustentara a família? O jure era aquele, dois por cento. Eram uns sabidões. Viviam, ali na usina, atrás de verba e quando vinham pagar falavam em diminuir os juros. Admiro-me do senhor seu Fonseca, Vir-me perguntar isto. Juro de dois por cento, seu Fonseca, até para meu pai se fosse fornecedor." (REGO, 1993: 180)

Em seguida, seu Luís, mandava seu Fonseca escrever uma carta dedicada a outro fornecedor, lembrando o prometido.

"O senhor sabe, quem deve aqui na usina não pode botar cana para o Bom Jesus. Pode botar a cana dele para quem quiser, mas que me venha pagar. Estes senhores de engenho querem comer dinheiro da gente e cair no mundo." (REGO, 1993: 180)

Outro que caiu nas garras do usineiro, foi José Moura, este era uma espécie de parente pobre do usineiro. E fornecia cana a usina, era dono do engenho Pindoba, que recebera de herança dos seus pais, livre de porteira fechada, corrente e moente.

"Foi quando apareceu aquela história de fornecer cana para a usina. E foi indo, entrando ano e saindo ano, até que um dia recebeu uma carta do escritório. Estava devendo quarenta contos de réis e precisava, com urgência, assinar umas letras." (REGO, 1993: 181)

Assinar as letras, o passo seguinte era entregar a propriedade a Dr. Luis, este continuava delicado, tratando o seu parente pobre sempre bem, chamando-o para almoçar. E o José Moura passava de fonecedor para a categoria de trabalhador da usina.

3.4. Na usina o roçado deu lugar à cana

"Agora era o que se via. Os filhos não tinham mais direitos de tirar uns diazinhos para limpar os matos das plantações."

(REGO, 1993:84)

O usineiro tirava até o último suor dos "cabras", até os mais velhos tinham que ir trabalhar. A usina tirava-lhe tudo, suas casas, seu riacho, e até o roçado adquirido a mais de quarenta anos a usina lhes roubava. Neste roçado, o trabalhador plantava o algodão, o milho, o feijão, o jerimum, criava os seus animais. E desse modo, o povo estava cada vez mais pobre, sem ter para onde ir, sendo obrigado a se submeter aos caprichos do usineiro.

"Teodoro falava para o caixeiro com as mágoas de um espoliado. Aquela terra já era dele. Quarenta anos dormindo ali, limpando mato, chupando laranjas, cheirando os bogaris. Já lhe havia dado o direito de Posse. O velho lembrava-se do dia em que o feitor chegou com a notícia. Ninguém acreditava. Seria possível que o dr. Juca fizesse uma coisa daquela? Ele mesmo foi falar com o doutor e voltou com a notícia definitiva: a terra, que fora deles, seria para a usina. A usina não podia perder um palmo de terra de várzea." (REGO, 1993: 85)

A terra boa seria para cana, o morador que fosse para a caatinga, e deixasse a terra boa para cana.

"Um feitor andou prevenindo que o usineiro não queria roçado de ninguém pelos baixos. Quem quisesse plantar, fosse para os altos. A cana tomaria conta das várzeas." (REGO, 1993: 137)

O que restava para o povo era a destruição do seus sítios. Os pobres tiravam o seu sustento deles, das laranjas, abacaxis, das bananas que vendiam nas feiras. A terra não era

boa, mas ainda dava mandioca e fruteiras, mesmo assim, a usina estava pronta para tomar, substituindo assim, a mandioca e as fruteiras pelo plantio de cana. Não podiam acreditar, eles viviam do que plantavam, tirando-lhes isso, iam morrer de fome. As terras do alto eram um tabuleiro maninho, não produziam nada, lá só nascia cajueiro e formigueiro bravo.

"O dono sacudia todos para fora. Haviam-lhes tirado o riacho, tomavam-lhes as fruteiras que os seus avós plantaram. As laranjas do vertente já eram conhecidas nas feiras. Os abacaxis do vertente eram doces como o mel. Nada teria porém que fazer. Era só arrumar as trouxas e procurar outras terras para viver, porque ali tudo estava acabado com pouco mais." (REGO, 1993: 138)

3.5. E o feitor se fez forte

O usineiro já não sabia mais o que estava acontecendo em suas terras. Agora tudo estava entregue ao gerente do campo, este tomava todas as decisões. O Dr. Juca nem sabia o que se passava na usina. Nos tempos do engenho, o senhor, acompanhava tudo de perto, ia em cada lugar, olhava a precisão do seu povo. O Dr. Juca, ao contrário, nem sabia onde a cana estava sendo plantada. Tudo estava sendo administrado pelas mãos do feitor.

"Agora o usineiro não sabia. O gerente do campo dava ordens, a produção dos campos deveria corresponder à capacidade da fabricação".
(REGO, 1993 :138)

O usineiro entregara tudo na mão do feitor, seus poderes eram amplos, manobrava tudo. Primeiramente, procurava conhecer tudo de perto, andava em todas as terras da usina a cavalo, de um lado para o outro, subindo nos altos, procurando vê tudo de perto. Chegando a conclusão que as terras da usina poderiam chegar ao dobro do que estava tirando.

"E deu planos, falando muito que fizera em Tiúma e do que pretendia fazer no Bom Jesus. Dessem-lhe terras que ele daria cana para mil sacos por dia."
(REGO, 1993: 138)

Com todos estes poderes, o gerente do campo estava manobrando como queria a terra e também o povo do Bom Jesus. O dr Juca não decidia mais nada, deixando tudo nas mãos do feitor.

"E o homem se fez mais forte ainda do que devia ser, oprimindo, apertando os pobres, pondo vigia por todos os cantos para espionar. Ninguém podia mover uma palha que ele não soubesse, ninguém podia roubar um dia de serviço, para um roçado, que o recado não chegasse chamando o faltoso para o serviço, se não quisesse pular da terra, num abrir e fechar de olhos."
(REGO, 1993: 139)

Ele usava e abusava do poder, e quem pagava por tudo era o povo que ia perdendo todos os direitos. O roçado, o rio, suas casas. Cada dia que passava o controle aumentava.

3.6 Controle acirrado: casas de trabalhadores numeradas

O controle estava muito grande, até as casas dos trabalhadores estavam sendo numeradas, facilitando ainda mais o controle.

" As casas dos moradores agora eram numeradas e em cada canto da propriedade havia um vigia de rifle, com poderes de inspetor de quarteirão."
(REGO, 1993:140)

As casas numeradas também significavam a modernidade invadindo o mundo rural, aquele mundo antes visto como espaço de liberdade vai, pouco a pouco, se transformando num espaço totalmente controlado. Um lugar no qual o trabalhador estava o tempo todo vigiado.

3.7 Os moleques famintos à espera de rabo de bacalhau

Neste universo da usina, como vimos, o trabalhador é descrito por Rego como um ser cada vez mais apertado, aprisionado, empobrecido. Neste universo da usina é possível se perceber nas obras de José Lins do Rego um controle maior, uma vigilância mais acentuada:

por outro lado, também podemos perceber retratos de trabalhadores que resistem a lógica. Importa ressaltar, no entanto, que a resistência do trabalhador não é mais tão cotidiana, tão comum e tão aberta quanto no engenho.

Com a modernidade no campo, o trabalhador sem terra para plantar o seu roçado o que vai gerar é muita fome, muita miséria restando as crianças usarem o roubo para sobreviver.

"Via os moleques em bandos, esfarrapados pela porta do barracão. Seu Ernesto chamava-os de ratos. Estavam sempre com fome. Viviam de iscas, de restos de comida, de rabo de bacalhau, que sacudiam para eles." (REGO, 1993: 110)

No tempo do velho José Paulino era bem diferente, o trabalhador tinha o seu roçado e os filhos trabalhavam juntamente com os pais, tinham a sua fava e o seu milho, sua farinha para matar a fome dos filhos. Expulsos da várzea, os pobres não dispunham mais dos rios, das fruteiras, da batata doce, restando somente para comer o que o pai levava do barracão. Agora era comum os vigias chegarem na usina com muitas crianças encontradas nos canaviais chupando cana.

"De vez em quando os vigias chegavam na usina com uma fileira deles. Estavam nos canaviais chupando cana, pegados num delito grave. A macaca cantava. Era ordem: moleque que fosse encontrado nos partidos, roubando, não tivesse pena. Porque se não fizessem isto não ficaria uma cana para moer. Antigamente somente os filhos de Pinheiro eram ladrões do engenho. Todos agora eram como os filhos de pinheiro, todos se juntavam em bando, de estrada afora, como guaxinins assanhados. As mães e os irmãos pequenos ficavam lá por cima, roendo a miséria da casa. Eles saíam para a aventura." (REGO, 1993: 110)

Com a modernidade no campo, e o trabalhador sem terra para plantar o seu roçado, gerando assim muita fome, muita miséria restando para as crianças usarem como "tática" o roubo, também essas crianças iam ao canaviais chupar canas às escondidas. E as crianças procuravam alguma coisa para comer para que diminuísse um pouco a fome, indo de encontro as ordens do usineiro. Para os dominadores esses pequenos deslizes cometidos pelas crianças

para matar um pouco a fome, eram vistos como roubo, mas para estas crianças era o único jeito que elas encontravam para sobreviverem.

Isto não acontecia com os filhos dos operários, eles pareciam príncipes comparados aos filhos dos trabalhadores do campo. Eles vinham de fora e eram mais valorizados, chegavam a ganhar até seis mil réis por dia. Moravam ao redor da usina e falavam com desprezo dos cabras da enxada. Eram trabalhadores que tinha um ofício, por isso estavam um palmo acima dos outros:

"Mas este palmo marcava uma distância, uma separação de muitos metros."

(REGO, 1993: 111)

Viviam separados dos outros, pois os pais acreditavam que seria uma mal companhia para seus filhos.

"O povo do mato, aqueles moleques que andavam roubando pelas estradas, só podiam botar os seus filhos a perder." (REGO, 1993: 111)

3.8 O preço da modernidade: quem paga é o trabalhador

Com a modernidade chegando no campo e os bangüês dando lugar as usinas, há necessidade de trabalhadores mais especializados, não tarda, e o usineiro começa a fazer as modificações. O povo, não se submetendo, procura novas terras para morar. No período de seca, esses trabalhadores eram substituídos pelos sertanejos, mas logo que começava a relampejar, estes faziam as contas e voltavam para as suas terras.

Os trabalhadores mais especializados eram pessoas que não se submetiam aos caprichos do usineiro, nem tão pouco eram capazes de passar pelo sofrimento dos cabras do eito. Para essa gente foi necessário fazer casas de telhas e tijolos. Essa gente não seria submissa, nem fácil de ser mandada, não agüentando a menor repreensão.

"Gritos com eles não ia. Não estavam ali para agüentar abuso. E ele tinha que se conformar." (REGO, 1993: 95)

Com a modernidade chegando ao mundo rural, com a valorização do trabalhador especializado, o trabalhador do eito ficava cada vez mais marginalizado, não sabendo fazer

outra coisa, qual seria a saída? Ou se submetiam aos caprichos do usineiro, ou desocupariam o lugar. Esse era o preço da modernidade. Mas, será que foi isso o que aconteceu? Para aqueles pobres a saída encontrada foi buscar na religião o conforto, um meio de conseguir superar melhor tanto sofrimento.

3.9. O compadrio: negócio a parte

No tempo do engenho a relação de compadrio era muito valorizada, era com orgulho que o trabalhador chamava o senhor para padrinho do seu filho. Era uma relação que ambos saíam beneficiados, tanto o coronel quanto o trabalhador tiravam proveito desta relação. E deste modo, a família do senhor crescia tornando-se maior. No tempo da usina, a relação de compadrio é vista pelo capitalista com outro olhar. E desta vez era José Moura que convidava o usineiro para batizar o seu filho.

"Mas quando chegava em negócios, o compadre não queria saber de nada. Gostava muito de José Moura, mas gostava mais de Pindoba. Não era por nada, não. A gente não sabia o que seria do dia de amanhã, nada como o preto no branco." (REGO, 1993: 181)

O dr. Luís tratava muito bem o compadre, chamando-o para almoçar em sua casa, na sua mesa. E quando os amigos falavam no Pindoba, ele sempre defendia o usineiro mostrando que estava devendo, e como queria que o homem agisse?

"Era aquele o poder de dr. Luís. Oprimia, tirava o fígado pelas costas do povo e o povo gostava dele." (REGO, 1993: 182)

As comadres gostavam de mandar presentes para d. Margarida. Recebia ovos, galinha, era só isso que elas tinham para dá.

"O dr. Luís mandava meter a macaca em Joca Terto mas se no outro dia Joca Terto chegasse, chamando-o para batizar um filho, não mandava ninguém. Ele mesmo e dona margarida pegavam na vela, rezavam e seriam compadres de Joca Terto." (REGO, 1993: 182)

Com o capitalismo chegando no campo até as relações de compadrio foram afetadas. José Lins do Rego retrata o usineiro como aquela pessoa que alisa, agrada, trata bem, mas que não tem pena de enfiar a faca na goela do pobre.

"A usina do compadre comera-lhe o engenho. E o dr. Luis fazia esta coisa sorrindo." (REGO, 1993: 182)

3.10. O milagre: Deus livra os Santos da mão do Diabo

A religião pode ser pensada nas obras de José Lins do Rego como um espaço de fuga.

"O povo começava a rezar! (...) E a festa do desterro ficava por todos os anos! (...) O gerente do campo já se queixava ao Dr. Juca da impertinência daqueles devotos. (...) Era preciso acabar com aquela aglomeração de gente inútil, com aquele reboliço de perturbar a vida agrícola." (REGO, 1993: 145)

Para os dominadores aquelas rezas, aquelas tolices estavam ameaçando a vida do campo, perturbando o seu andamento, era preciso agir, agir com prudência e acabar com aquelas desordens que estavam acontecendo. Mas, os trabalhadores não pensavam do mesmo modo, e resistindo a repressão a seu modo, o povo armado de enxadas, chuços, espingardas, reagiram a ação do dominador: *"Não havia quem pudesse com aqueles cordeirinhos enfurecidos."* (REGO, 1993: 146).

Mas, os dominadores não satisfeitos com aquela reação agiram contra os trabalhadores, e mais de cem homens investiram contra os pobres, correndo muito sangue dos devotos. Era esse o mundo da usina, nas quais as resistências dos trabalhadores eram sufocadas com violência. Mas nem assim os trabalhadores se davam por vencidos.

Feliciano era um negro velho com mais de cem anos. Fora escravo do pai do coronel José Paulino, que recebera como herança, juntamente com o engenho. Feliciano era um velho feiticeiro que vivia de sítio em sítio, rezando para os santos. Já muito velho, por onde passava os moleques lhe insultavam. O santuário ele já não dava tanta importância. E à noite, trancava-se na palhoça com os santos e todos na usina comentavam.

"Os que moravam por mais perto dele ouviam um gemido de gente apanhando, choro de menino, gritos abafados e espalhavam que Feliciano castigava os santos, arrojava as goelas de Nossa Senhora, judiava com o Menino Deus." (REGO, 1993: 141)

Corria a notícia no campo, da judiação que Feliciano fazia com os Santos. E o povo achava que o Padre de Pilar ou o usineiro deveria tomar uma atitude. *"tirando os eleitos de Deus das mãos do demônio"*. (REGO, 1993:141) Acreditavam que todas as noites o diabo vinha dançar na casa do negro velho, judiando muito com as imagens. O povo acreditava que:

"Só fazia aquilo porque não havia na usina quem tivesse uma hóstia consagrada." (REGO, 1993: 141)

O São Sebastião de Feliciano era muito importante para o povo, acreditava muito mais do que em todos os Santos da Igreja. Só Nossa Senhora era mais venerada que o São Sebastião de Feliciano.

"Rezavam novenas por todos os cantos. Vinha gente de longe pagar promessas e, quando sabia da situação, ficava sem ter o que fazer, com medo de ter enganado o santo. O fogo do ar, a vela, o pé de cera eram somente para o São Sebastião de Feliciano." (REGO, 1993: 142)

O povo queria libertar os prisioneiros, mas acreditava que só era possível se alguém tivesse a hóstia consagrada, atribuía ao padre essa missão. Existia até uma lenda sobre Feliciano. Diziam que o negro dançava com o diabo, dormia com o diabo e passava grande parte do seu tempo conversando com almas penadas. Um certo dia a casa do velho pegou fogo e o povo foi ver, sem nada poder fazer. E o negro morreu carbonizado.

"E os santos? Procuraram nas cinzas e não viram sinal do oratório. Aonde estariam as cinzas dos santos? Então o milagre se espalhou: os santos de Feliciano se tinham escapado do incêndio. Tinham entrado de terra adentro ou subido para o céu?" (REGO, 1993: 143)

Feliciano ficou um pretume só, e os santos não foram encontrados. Não tinha nem sinal do oratório. *"Fora um milagre."* (REGO, 1993: 143) E o milagre se espalhou pelas fazendas. Feliciano morrera queimado e os santos?

"Os santos haviam subido para o céu." (REGO. 1993: 143)

E as cinzas da casa de Feliciano viraram uma atração para os romeiros. Chegava gente de todos os cantos para ver de perto. E o lugar da casa de Feliciano passava a ser uma espécie de terra santa. Mas agora a usina quebrava cana e não podia acontecer aquilo.

"O gerente do campo já se queixava ao dr. Juca da impertinência daqueles devotos. Os eitos se enfraqueciam. Era preciso acabar com aquela aglomeração de gente inútil, com aquele rebuliço que perturbava a vida agrícola. Aonde se vira os serviços de uma usina, da importância da Bom Jesus, ameaçados com uma tolice, porque um negro velho morreria queimado e um oratório se sumira?." (REGO. 1993: 145)

O que marca nestes retratos que Rego descreve da usina é uma forte sensação de quebra, de impacto: um mundo difícil, vigiado, onde as resistências vão diminuindo rapidamente.

3.11. E o trabalhador age mesmo que seja na calada da noite

No tempo do apogeu do engenho os trabalhadores encontravam saídas, meios de dizer "não" aos dominadores. Com a usina e uma fiscalização muito rigorosa, com vigias armados de rifle por todos os lados, há uma restrição deste espaço, mas mesmo assim os trabalhadores agiam. E na calada da noite, quando parecia que todos estavam dormindo, havia aqueles que usavam este espaço procurando agir como podiam:

"Chegara o feitor para falar com usineiro :

- Seu Doutor, fiz tudo como o senhor mandou. O cabra estava mesmo vendendo lenha em Santa Rita. O senhor não se lembra? Era aquele Joca Terto, que veio de Una para aqui. Me disseram que toda noite ele saía de feixe de lenha na cabeça, para vender ao juiz e ao povo da vila. Dei umas macacadas no bicho, que chegou a se mijar todo. Bicho morfino. Agaranto ao senhor que não se lembra mais de roubar lenha." (REGO. 1993 :180)

Neste mundo rural, no qual o "cabra" trabalhava doze horas por dia e, como pagamento, recebia um vale do barracão, só restava a esse trabalhador agir mesmo que fosse na calada da noite, encontrando saídas, brechas para ir de encontro a esse autoritarismo. Esse

mesmo tipo de roubo também era feito no tempo dos engenhos. o que difere agora, é que nos engenhos como existia menor fiscalização, esse tipo de crime era praticado mais às claras. Com as usinas e uma fiscalização maior, o trabalhador não se dá por vencido e como nas usinas qualquer resistência às claras logo era vista e punida imediatamente, os trabalhadores tinham mais cautelas para agir e muitas vezes a única opção para o trabalhador era agir nas escuras, e na calada da noite eles saíam para vender o seu feixe de lenha. E, desse modo, eles diziam "não" aos dominadores.

3. 12. Trabalhador da usina: dedicação exclusiva

Na obra Usina, também encontramos espaços de liberdades, no qual o trabalhador também encontra pequenas brechas escapando do sistema de dominação, na usina o trabalhador teria que trabalhar todos os dias para ela, não restando tempo para trabalhar no seu roçado. O Aprígio de Antas um "cabra" que tinha que trabalhar todos os dias da semana para a usina foi surpreendido pelo vigia no seu roçado. Neste sistema já não usavam sair para trabalhar no engenho do outro, mas arranjavam meio de sair do eito da usina e trabalhar no seu próprio roçado que também era proibido pelo usineiro. Trabalhar no roçado significava para o trabalhador um espaço de liberdade. Mesmo num sistema de muita repressão o trabalhador encontra saídas para dizer não ao autoritarismo. Mesmo que fossem pequenas saídas.

" Os vigias da usina viviam de olho arregalado em cima deles. Lembravam-se de Aprígio das Antas. Um vigia pegou o pobre no roçado e trouxe preso para o gerente e ele teve que dar um dia de serviço de graça para a usina, porque não fora para o eito, que era de obrigação." (REGO, 1993: 170)

3.13. O barracão ao povo faminto

Era um ano de crise, o povo com fome não tinha a quem apelar. As vendas de Pilar não atendiam o povo. As feiras estavam completas de pedintes. Era um ano difícil. Os trabalhadores da usina não tinham o que comer. O povo faminto não sabia mais para quem apelar.

"Os vendedores de feira, passavam pelas estradas armados, porque haviam pegado cargueiro de banana e comido tudo o que o homem levava. Os partidos, os restos dos partidos de cana da usina, estavam, reduzidos a bagaço. Até os olhos de cana cortavam para chupar." (REGO, 1993: 222)

O povo com fome esperava ajuda do governo, foi pedir ao usineiro, o povo da usina também suplicava como os retirantes. A água também estava cheia de lama, não prestando mais para o uso. Eram tantas as doenças que o povo andava com medo. Eram tantas as mortes que o povo da cidade já pedia ao usineiro para enterrar os mortos ali mesmo na usina.

*"Fome e peste no meio do povo."*²¹

Com tanta gente com fome, como estaria o barracão? Estava fechado.

"Seu Ernesto dizia, para quem quisesse, que não chegando ordem, não podia repartir nada com o povo. Não queria fazer figura às custas dos outros." (REGO, 1993: 223)

O povo com fome e o barracão fechado, cheios de sacos de farinha, mantas de carne, feijão, milho, tudo guardado. E o povo, o que comia? Raiz de pau, fruto de gravatá que era afiado que só vidro, e os que comiam saíam com a língua cortada. A miséria era grande. E corria a notícia que: *"No Maravalha havia arrombado uma bodega e levado tudo."*²²

No barracão o vigia estava preparado, pronto para reagir se fosse atacado. A situação cada vez mais difícil, e o povo da casa-grande continuavam com medo.

"E tudo foi assim até que num dia de manhã a porta da casa-grande amanheceu cheia de gente. Famintos da caatinga, dos agrestes, retirantes. A usina não deixara fazer roçado. Tinham sido expulsos das vazantes do Paraíba, não contavam com a batata-doce, as espigas de milho para as necessidades. Queriam de comer." (REGO, 1993: 226)

O povo faminto dirigia-se para o barracão:

²¹ Rego Usina p p223

²² Rego Usina p p224

"Seu Ernesto falava exasperado: o primeiro que botasse a cabeça ali dentro ele derrubava." (REGO, 1993: 226)

E o barracão fora invadido, todos os alimentos foram levados, muita gente saíra ferida, houve até morte. Era difícil acreditar o que estava acontecendo.

"Pobres, que nunca tivera coragem para levantar a vista para um superior, se enfureceram daquele jeito, virando feras, com garras de feras." (REGO, 1993: 228)

Os usineiros estavam preocupados, temiam outros saques, existiam notícias de invasões em outros lugares.

"A povoação de sobrado fora atacada também pelos retirantes. E as feiras viviam sem um pé de gente." (REGO, 1993 :228)

O povo responsabilizava o usineiro por aquela desgraça, acreditava que poderia ter sido evitada:

"O barracão ficara de papo para o ar, com o terreiro branco de farinha derramada, barris de bacalhau vazios e nem uma peça de pano ficara nas prateleiras. Diziam que o estrago era de mais de setenta mil réis." (REGO, 1993: 228)

Percebe-se, a partir destas histórias, o quanto a emergência da usina transformou o cotidiano do trabalho no mundo rural. É de se ressaltar que existe toda uma escritura sobre esta passagem que aponta o quanto o morador perdeu, em termos de direitos costumeiros com o declínio dos velhos engenhos. Entretanto, não foi esta história das perdas que quis resgatar aqui. Quis trabalhar esta passagem, recortada por mim, através dos retratos construídos por Lins do Rego para mais uma vez apontar como o pequeno, o fraco não se resume às normas impostas pelo outro.

As resistências são mais sutis? Os dribles às normas, mais disfarçados? A submissão é maior? É tudo verdade. Não nego a opressão, a vigilância, os receios: mas, os furtos de lenha, a exacerbação da religiosidade, os motins não podem, também na mesma medida, ser desconsiderados. Muito embora, como veremos adiante, esses gestos, tanto quanto os gestos

dos trabalhadores no mundo do engenho, foram calados, minimizados, mutilados pela historiografia.

NAS TRILHAS DA HISTORIOGRAFIA...

O retrato que Rego nos faz em sua obras do mundo do engenho é plural, muitas vezes este mundo é escrito como um espaço de poder absoluto dos coronéis, outras vezes este poder absoluto parece estilhaçar-se frente às histórias por ele escritas dos trabalhadores e suas artes de driblar o coronel. Entretanto, quando retomamos a historiografia que trabalha este período o que se sobressai nestas obras? O poder absoluto dos coronéis, a não percepção dos pequenos campos de liberdade que cotidianamente o trabalhador tece. Para tanto, esta historiografia muito centralizada no paradigma de "movimentos sociais" e, portanto, pautada na idéia de ação política como ação sempre coletiva, apenas reconhece dois lugares de resistência: o cangaço e o fanatismo religioso.

Em seu trabalho "O que é o Cangaço", Carlos Alberto Dória, aponta o banditismo como um modo de vida, como a única maneira do trabalhador fazer valer os seus direitos. E é neste sentido que Dória, reatualizando o conceito de "bandido social" de Erich Hobsbawm, termina por associar banditismo a símbolo da liberdade. O bandido era aquele trabalhador que procurava "se fazer respeitar". E, desse modo, ele é visto pela sociedade rural, não como um simples bandido, e sim, como um "bandido social" que, para o Estado, e os grandes proprietários, aparece como simples criminoso, mas para sua gente, ele é visto como herói, seja ele um "justiceiro" ou um "vingador", ou alguém que "rouba dos ricos".

"Neste sentido, o banditismo simboliza muitas vezes a liberdade numa sociedade em que poucos são efetivamente livres. (...) Ele é basicamente um homem que procura "se fazer respeitar" a qualquer preço. Por isso é admirado." (DÓRIA, 1981: 15)

Dória aponta o "banditismo social" como a saída encontrada pelos camponeses para fugir do autoritarismo dos coronéis. Muito embora reconheça a positividade do banditismo social como espaço de resistência, Dória não se propôs a apontar em seu texto outras saídas, outros campos de resistência (sutis é verdade) como o compadrinho e os laços de consanguinidades. Estas relações eram utilizadas como táticas pelos pequenos trabalhadores

para conseguir dos dominadores mais regalias, chegando muitas vezes a fugir do controle dos proprietários.

Por muito tempo a resistência camponesa foi lida como fenômenos extra-históricos, Rui Faço (1983), um marco da historiografia camponesa, vê o banditismo e o fanatismo como expressões de resistência. Facó mostra o "fanatismo" e o "cangaceirismo" como algo gerado pelo monopólio da terra, sendo originadas desde os tempos coloniais. Os grandes latifúndios aparecem como um entrave no desenvolvimento econômico, social, político e cultural. O monopólio da terra que tinha como base a monocultura, com sua mão de obra escrava servia como obstáculo a tecnologia moderna, gerando assim um atraso cultural.

No século XIX, no nordeste esta situação agravou-se ainda mais, isto porque, no sul, com a valorização do café, passa a dominar a economia, e a grande quantidade de mão de obra, tanto escrava como livre, emigra para lá. Neste momento, a evolução do Nordeste acontece com uma extrema lentidão. Só a agroindústria do açúcar conseguia sobreviver. A agricultura estava decadente, passando por grandes dificuldades, e desse modo, surge uma nova classe a dos usineiros, surgindo assim, o latifundiário e o capitalista.

O trabalhador escravo fica no trabalho do eito, enquanto que os trabalhadores livres são destinados ao trabalho das usinas. Com a abolição, este quadro não é muito diferente, passaram os trabalhadores a serem semi - servos dos usineiros e os senhores de engenho a fornecedores de cana para as usinas. A fome de terra é uma particularidade das usinas, os engenhos e bangüês são aposentados, intensificando assim, o processo de monopolização da terra. Quanto aos agregados, gente pobre e foreiros; *"nas terras dos grandes proprietários, eles não gozam de direito algum político. porque não têm opinião livre."* (FACÓ, 1983: 21)

Ora o que esta citação mostra é uma visão do dominador, mostrando que os trabalhadores não têm direito porque não têm opinião livre. Facó vê como única "saída" para esta gente, a entrada no grupo dos cangaceiros ou nas seitas dos "fanáticos", única maneira desses trabalhadores sonharem com uma vida melhor.

"Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma "saída" nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos "fanáticos", em torno dos beatos e conselheiros

sonhando a conquista de uma vida melhor. E muitas vezes lutando por ela a seu modo, de arma na mão." (FACÓ. 1983: 21)

Facó vê a relação dos dominadores e dominados como algo no qual o "despotismo dos potentados" rurais relega os pobres do campo à condição de objeto. Para os dominadores os trabalhadores pobres não passam de escravos. Para Facó, a única coisa que resta ao homem do campo é servir ao seu senhor. Ele vê esse homem sempre tão cordato e humilde, que ao dirigir-se ao senhor tirava sempre o chapéu. Mas, Facó mostra que esse homem simples, trabalhador, era aquele mesmo que estava cansado de tanta exploração e tinha resolvido sair e lutar por uma vida melhor.

"Cangaceiros e fanáticos eram os pobres do campo que saíam de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveria decidir, mais cedo ou mais tarde, o seu próprio destino." (FACÓ. 1983: 45)

Facó vê como única maneira do trabalhador resistir às garras do dominador, o cangaço, ou o fanatismo, ele não aponta outras saídas, pequenas saídas, pois inclusive sua temporalidade é outra. O texto de Facó, escrito na década de 60, ao objetivar o cangaço e o fanatismo religioso como objetos históricos alargou enormemente o campo historiográfico.

Outro texto que também retrata o período por nós trabalhado é o texto "O Cangaceirismo no Nordeste", de Bismark Martins de Oliveira (1988), ao trabalhar a obra "O Cangaceirismo No Nordeste" mostra que do século XIX a década de 30, no Nordeste, existiam três classes distintas, ou seja, a classe dos proprietários de terra ou latifundiários, os senhores de engenhos, e por possuir o poder econômico, impunham nos seus domínios a sua lei. Em seguida vinham os comerciantes, estes eram quem mais pagavam os impostos, porém pertenciam à classe média, e não dispor de recursos suficientes nos períodos de grandes estiagem precisavam recorrer aos coronéis para atravessar os períodos difíceis, ficando assim atrelados ao esquema de dominação. A terceira ou última classe, faziam parte os indígenas, escravos, vaqueiros, mestiços, braçais rudes e analfabetos, estes vivendo numa grande pobreza estavam sempre prontos para dar a vida em defesa de seus patrões e "protetores."

Devido as grandes estiagens e as constantes guerras a população foi reduzida a uma grande miséria, só uma pequena parte da população dividia as riquezas. Restando somente aos sertanejos pobres, quatro opções de sobrevivência :

- a) Emigrar para o norte em busca de terras férteis, para cultivar a agricultura, para trabalhar nos seringais ou castanhais.
- b) Ficar e procurar sobreviver usando para isso uma alimentação selvagem. Aqueles que viviam nas grandes fazendas, cuidando do gado, escapavam com uma ração de farinha e feijão, que recebiam dos fazendeiros em troca do seu trabalho.
- c) Revoltarem-se e formarem grupos - os cangaceiros²³ - e os que não conseguiram com as leis procuravam conseguir com a força.
- d) Passar a fazer parte de um grupo de religiosos - "fanáticos" - ou de alguém que se fizesse acreditar como "enviado divino" e, desse modo, poderia alcançar através do sacrifício, a salvação da alma e o encontro com o paraíso celeste.

Para Bismark as causas dos conflitos espalhados nos sertões eram sempre as mesmas, e nem o império e nem a república conseguiram evitar que se espalhassem por todo o sertão as:

"Lutas pela posse da terra, disputa pelo poder político das vilas e cidades, ou algum crime ou ofensa de uma família para outra, como por exemplo, a desonra de uma moça, o furto de animais ou coisas menos importantes como a disputa de um "cordão" nas festas de padroeiras nas cidades sertanejas."
(OLIVEIRA, 1988: 23)

Bismark vê o coronelismo como uma forma de dominação rural no Nordeste, vindo desde o período colonial e tendo o seu apogeu no período de 1800 a 1930. Este título era conseguido como status e um indicador de sua força econômica e de seu poder político.

"O poderio econômico ele sempre empenhava nas conquistas de mais terras a serem incorporadas nas suas vastas propriedades já existentes, fazia com que lhe respeitassem pela subjugação comum, através da subserviência ou sob o ferro e fogo das suas legiões de jagunços contratados para garantirem o domínio do seu vasto império. Já o poder político veio ter uma maior

²³ Cangaceiros - assim conhecidos por carregarem as armas atravessados nos ombros em forma de canga; peça de madeira atravessada no boi de carroça.

importância com o advento da República, pois cada homem a seu serviço era um voto garantido para a facção política a que pertencesse." (OLIVEIRA, 1988: 24)

Bismark só trabalha na sua obra com as resistências coletivas, ou seja, as grandes resistências. Ele não mostra como o trabalhador reagia no seu dia a dia a ação do dominador. Ele não trabalha na sua obra as pequenas resistências, ou seja, aquelas que acabavam interferindo no dia a dia do trabalhador.

Esta mesma leitura encontramos no trabalho "Lampião – O comandante das caatingas" (1997), de Anildomá de Sousa, que vê no monopólio da terra um mal que se originou desde o Brasil colônia. Para ele a única forma de conhecimento e consciência de vida no mundo, de solidariedade, para os sertanejos eram passados pela religião católica ou seitas qualquer originárias nas próprias comunidades rurais no Nordeste.

Para ele, este Nordeste do início do século XX, tem uma divisão de classe, de um lado aparece o proprietário poderoso, senhor e dono de grandes quantidades de terra, depois o sem-terra, o semi-escravo, o semi-servo, o povo. Anildomá ao retomar este mundo dos coronéis chama atenção para o fato de que o coronel latifundiarista ao contratar um morador para a sua fazenda não necessitava contratar os "serviços extras", ou seja, este ao ser admitido sabia que também estava sendo contratado para ser pistoleiro ou jagunço, passando a ser um protetor armado desse mandatário.

Nesse período, a comunidade pobre temia muito mais a polícia do que os jagunços ou os cangaceiros, tal era a violência da polícia. A polícia via no povo pobre, miserável e sem terra um cangaceiro em potencial. Para Anildomá, não existia dignidade para o povo pobre nesse período. Quando o homem era marginalizado no trabalho, a saída apontada era abraçar o fanatismo e sair rezando e pregando uma vida melhor. Outra saída era procurar um padrinho e viver sob as ordens do estado. A outra maneira de sair desta vida era:

"É certo que havia outra alternativa: ser pistoleiro ou jagunço. Era como guarda-costa dos coronéis, assalariados e sem moral nenhuma." (ANILDOMÁ, 1997: 24)

Esse era um período muito difícil no Nordeste, onde as ações dos coronéis eram de maior proporção. Anildomá mostra que para esse povo pobre a saída encontrada por muitos, em princípio, era ser pistoleiro e jagunços, o passo seguinte era torna-se cangaceiro, esses homens iam se organizando, passando a cobrar mais caro dos coronéis o serviço de proteção deixando, desse modo, de ser dependente, passando a exercer um poder paralelo e, assim sendo, eles rompiam com a submissão dos donos do poder, visto que, neste período, os serviços dos cangaceiros eram melhor remunerados. Anildomá mostra que neste mundo dos coronéis, não existia solidariedade para com os trabalhadores.

O olhar que me possibilitou perceber na obra de José Lins do Rego os espaços de micro-resistência, de pequenos gestos de liberdade foi teoricamente possibilitado pelo trabalho de Michel de Certeau (1998). Para este historiador o cotidiano se inventa com "Mil maneiras de caça não autorizada"²⁴. Isto que dizer que nem sempre é possível manter o controle totalmente sobre alguém, mesmo no mundo coronelístico, pautado em relações tão desiguais.

A princípio quando se trabalhava com "cultura popular" ou "marginalidade" os estudiosos não conseguiam vê nas práticas cotidianas "diferenças culturais" existentes. Certeau procura mostrar como os pequenos atos fazem partes do cotidiano das pessoas. Ele mostra como numa fábrica, eles pensam determinado produto, com uma finalidade de uso. Mas nem sempre este produto foi usado por seu comprador, com a mesma finalidade pensada por seu fabricante. E o comprador consome o produto do seu modo.

"Corresponde outra produção, qualificada de "consumo:" esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante."

(CERTEAU, 1998: 39)

Certeau toma como exemplo as comunidades indígenas, que mesmo sendo obrigadas pela força e submetidas as leis e rituais dos espanhóis; eles as subvertiam:

²⁴ Certeau, Michel :A Invenção do Cotidiano p 38

"Não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistemas da qual não podiam fugir. Eles eram outros, mesmo no seio da colonização que os "assimilava" exteriormente; seu modo de usar a ordem dominante exercia o seu poder, que não tinham meios para recusar; a esse poder escapavam sem deixá-lo. A força de sua diferença se mantinha nos procedimentos de consumo." (CERTEAU, 1998: 40)

E os indígenas faziam valer o seus costumes, mesmo camuflados pelas leis dos espanhóis. Se é necessário uma rede de vigilância, mais importante ainda é descobrir como as pessoas encontram meios para dizer 'não' a tal vigilância.

"Mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também "minúsculos" e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alertá-los, enfim, que "maneira de fazer" formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou "dominados"?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política." (CERTEAU, 1998: 41)

Mais importante do que a "vigilância generalizada" e os meios usados para manter a disciplina são as maneiras como os usuários se apropriam deste espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural e fazem usos delas. A cultura, muitas vezes, articula conflitos e os legitima, desloca ou controla a razão do mais forte. Os conflitos se desenvolvem nos elementos de tensões como também de violência.

"As táticas do consumo, engenhosidade do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas." (CERTEAU, 1998: 45)

"Estratégias" são as relações de forças realizadas nas dimensões do querer e poder. O sujeito dessa dimensão é visto como dono de um ambiente. Quando pensamos no mundo rural, e levamos em conta o engenho, logo percebemos que as estratégias são armas que o coronel usa para mostrar ao trabalhador que aquele território é dele e cabe ao trabalhador respeitar o seu espaço.

"Ele postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico." (CERTEAU, 1998: 46)

A tática é justamente o contrário da estratégia, ela "só tem por lugar o outro"²⁵, é o pequeno que faz uso desse recurso.

"Ele não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em fase das circunstâncias. O "próprio" é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato do seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiado para "capitar no vôo" possibilidades de ganho." (CERTEAU, 1998: 47)

Mas este quando ganha não guarda, sempre procura jogar com os acontecimentos, transformando assim em "ocasiões". O fraco deve estar sempre atento, "o fraco deve tirar partido das forças que lhe são estranhas"²⁶. No caso do trabalhador da usina muitas vezes ele consegue driblar a ordem da usina, sabendo por em prática o momento certo de agir.

Muitas práticas cotidianas fazem partes das táticas, como também as "maneiras de fazer": "vitória do fraco sobre o mais forte"²⁷. Os pequenos sucessos, artes de dar golpes podem ser entendidos assim como como meios do fracos tirarem proveito dos dominadores.

²⁵ CERTEAU ; A Invenção Do Cotidiano p p46

²⁶ CERTEAU ; A Invenção Do Cotidiano pp 47

²⁷ CERTEAU :__pp47

CONCLUSÃO

Ao se optar por trabalhar história e literatura foi necessário procurar entender melhor como se dava esta relação, ou melhor, entender como a história lança mão da literatura, para construir a sua história. O historiador precisa estar atento para perceber o que existe de diferente, procurando trabalhar o específico de cada problema.

Outra coisa que se percebe é que não podemos separar o real e o imaginário ao trabalhar com história e literatura, ou seja, realidade e ficção estão unidas, formando o discurso histórico. Também é importante procurar entender o que se pode usar como documento, e como este deve ser trabalhado. Entende-se que os textos literários também são documentos que podem ser usados por historiadores. A literatura pode ser entendida como um documento histórico porque é um artefato humano, porque faz parte e está inscrita em um tempo, inserida em uma realidade e nela, é possível se detectar paixões, sonhos, raivas, tristezas, saudades, que postos nas páginas de um romance podem informar de como as pessoas significam seu mundo, pois os valores postos na literatura, mesmo num romance de ficção são valores de um tempo, do tempo do autor. E por isso a literatura pode ser compreendida como um documento em que se pode estudar o espírito da época, tanto quanto o discurso literário pode ser pensado como uma prática social. E por isso minha escolha, enquanto historiadora por trabalhar com os romances de José Lins do Rego.

José Lins do Rego em suas obras do ciclo da cana-de-açúcar, descreve a imagem do coronel bom, passivo, sempre pronto para ajudar ao necessitados, um pai atento para ajudar o filho, mas no decorrer de suas obras, pouco a pouco esta imagem vai se modificando, aparecendo assim um outro tipo de coronel e, aquele pai vai pouco a pouco passando a ser visto como um explorador.

Por outro lado, Rego mostra a imagem de um trabalhador passivo, satisfeito com tudo: um "cordeirinho". Um retrato que pouco a pouco vai se transformando e aquele trabalhador, a princípio visto como um cordeirinho, no seu dia a dia vai usando de "astúcias," indo de encontro à autoridade do coronel; essas "táticas" acabam por transformar o cotidiano do trabalhador. E este mundo retratado por Lins do Rego é o mundo que os estudos

antropológicos sobre as relações de moradia define como mundo paternalista, um mundo marcado pela sujeição total e absoluta dos trabalhadores a um coronel poderoso, um mundo marcado pela fixidez dos lugares.

Entretanto, o que se percebe a partir da leitura das obras de Lins do Rego é que no mundo retratado não existem espaços tão definidos. Nota-se que, muitas vezes, os espaços que antes eram ocupados pelo coronel, com suas "engenhosidades", o trabalhador pouco a pouco vai minando, usurpando, a exemplo do nosso conhecido Marreira. Nota-se, ainda, que mesmo com tanta vigilância e com "cabras" armados por todos os lados, o trabalhador apresentado por José Lins do Rego não se dava por vencido e procurava "maneiras de fazer" para dizer não a todo aquele autoritarismo do coronel.

Foi por tudo isso que a autora escreveu este trabalho, mesmo sabendo das dificuldades do historiador trabalhar com literatura, quis trilhar esta aventura. E quis porque os textos de José Lins do Rego sempre a encantaram e por acreditar que a sedução, o encantamento faz parte do trabalho do historiador, tanto quanto a preocupação com o rigor, com as regras das quais nosso ofício não escapa. Mas este encantamento não se deu no vazio: me seduziam enquanto historiadora, as imagens dos trabalhadores brincalhões, astutos que, no seu cotidiano inventavam mundos outros, para além das regras do mundo ordenado pelo coronel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOMENY, Helena: *Encontro Suspeito : História e Ficção*. revista de ciências sociais. Rio de Janeiro, vol.33, n 1, 1990 pp 83 a 118
- CERTEAU, Michel: *A Invenção do Cotidiano*: 3ª ed., Petrópoles: Vozes, 1998.
- DÓRIA, Carlos Alberto: *O Cangaceiro*: São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FACÓ, Rui: *Cangaceiros e Fanáticos*, 7ª ed.: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1983.
- GENOVESE, D. Eugene: *Terra Prometida*: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- GREENBLATT, Stephen: *New Historicismismo Cult*, dezembro de 98.
- OLIVEIRA, Bismark Martins De : *O Cangaceirismo No Nordeste*, Brasília, 1988
- REGO, José Lins: *Menino de Engenho*: 44ª ed.: José Olympio: Rio de Janeiro, 1989.
- REGO, José Lins: *Doidinho*: 16ª ed.: Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- REGO, José Lins: *Bangüê*: 3ª ed.: Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- REGO, José Lins: *O Moleque Ricardo*: 19ª ed.: Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- REGO, José Lins: *Usina*: 13ª ed.: Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- REGO, José Lins: *Fogo Morto*: 40ª ed.: Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- RICOEUR, Paul: *Tempo e narrativa. Tomo I*: Campinas, S.Paulo: Papirus, 1994.
- SOUZA, Anildomá Willans: *Lampião das Caatingas*: 2ª ed., Serra Talhada, 1997.

BIBLIOGRAFIA

- CHALHOUB, Sidney: *Visões da Liberdade: Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte*: São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso De M. : *A História Contada 2* impressão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998
- CHALHOUB, Sidney: *A História Nas Histórias De Machado de Assis: Uma Interpretação de Helena*: IFCH - Unicamp. N 33, 1994
- FOUCOULT, Michel : *A Vida dos Homens Infames*, In : *O que é um autor*, Lisboa. Presença 1994
- GENOVESE, D. Eugene: *Terra Prometida*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- GENOVESE, D. : *A Economia Política da Escravidão*. RJ, Pallas, 1976
- SCHWARZ, Roberto : *Um Mestre Na Periferia Do Capitalismo*; São Paulo: Duas Cidades, 1990

- SEVCENKO, Nicolau: *Literatura como Missão Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* : 4 ed: São Paulo: Brasiliense, 1995
- THOMPSON, E. P.: *Costumes em Comum: Estudo sobre a Cultura Popular*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VEYNE, Paul : *Como Se Escreve A História* . ed Seuil: Lisboa Portugal : Edições 70, 1971